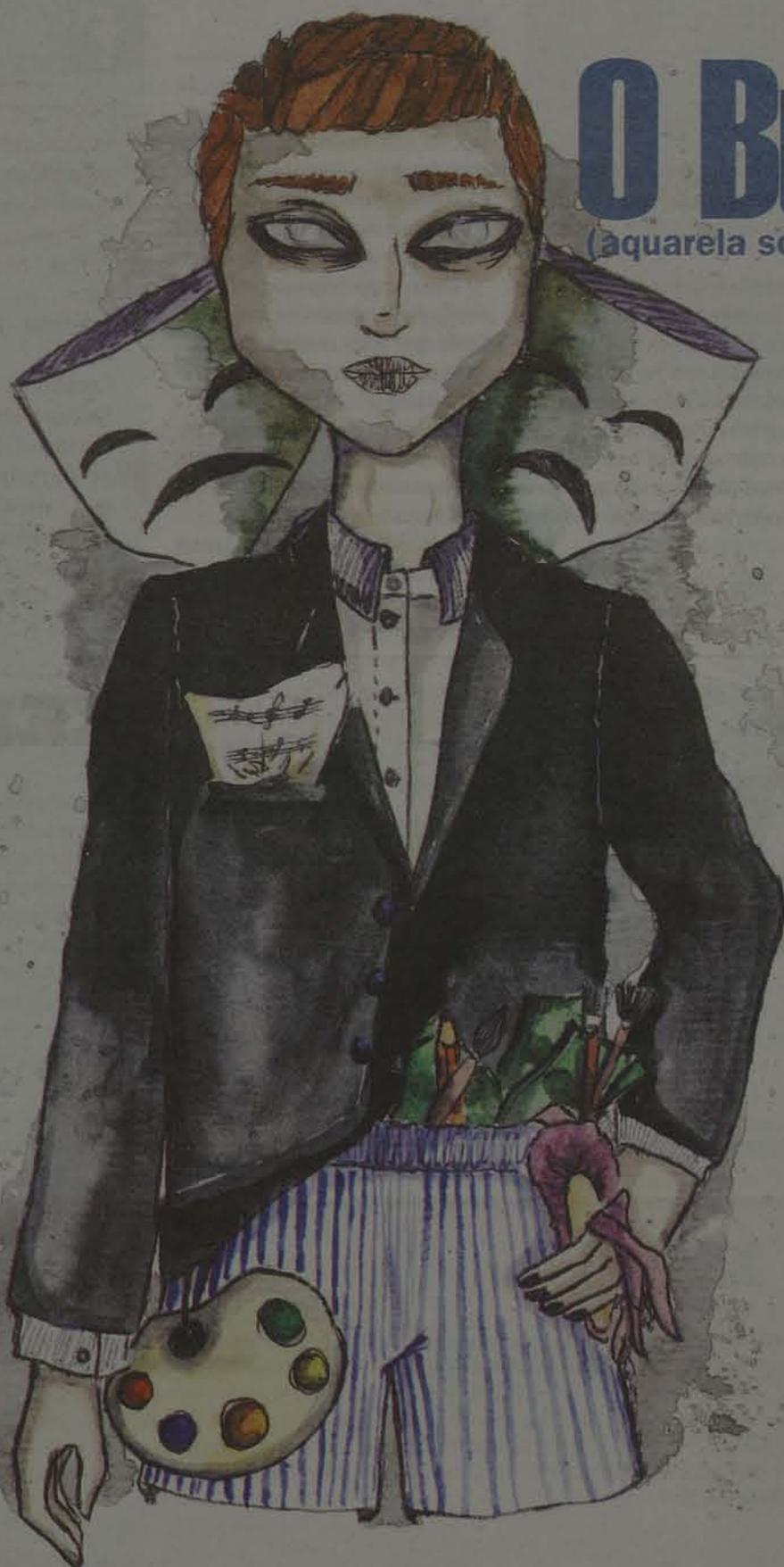




# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 2014 - ANO XXXIII, NÚMERO 4



## O Burocrata

(aquarela sobre papel, 0x0 cm)

**Lentidão nas políticas públicas emperra investimentos na Cultura. A consequência é um artista insatisfeito e com pouco espaço para mostrar sua arte. O cenário fica ainda pior com a incerteza nas datas dos editais e a falta de investimentos nas produções locais**

# Quando se ouve mais, maior é a chance de acertar o tom

Nesta edição temática de outubro, a equipe do *Zero* procurou mostrar onde estão os principais problemas e obstáculos para o desenvolvimento da cultura em Florianópolis. Queremos expor a burocracia que dificulta e impede que novas ideias se tornem projetos, a ausência de uma política pública consistente e mais igual, além da falta de espaço físico e financiamento para muitos projetos. Percebemos a dificuldade, e ao mesmo tempo a importância, de enxergar o que existe de novidade artística surgindo na Ilha, assim como o que está se perdendo com o tempo e deve ser conservado historicamente.

Para entender a situação de uma maneira mais ampla, o *Zero* promoveu um Café reunindo artistas de diferentes áreas em Flo-

rianópolis. Em mais de duas horas de conversa e debate aberto, a equipe do jornal teve a oportunidade de ouvir opiniões muito diferentes, conhecer melhor o tema, as deficiências da cultura e o cenário artístico da capital.

Além do conteúdo que você vai encontrar nas páginas centrais do jornal, o encontro foi uma experiência que favoreceu todas as reportagens desta edição. Vimos que os problemas apontados no poder público não impedem a classe artística de se mobilizar e que há, sim, interesse em melhorar a situação atual. O diálogo nos permitiu olhar para as pautas de outra maneira, abrindo novos questionamentos, não só na área da cultura, mas também no nosso trabalho. Vimos que é possível pensar outros formatos de apuração

além da entrevista individual, e que abrir um debate é uma maneira muito produtiva de gerar conteúdo diferenciado.

Durante três semanas, conversamos com rendeiras e pescadores, ouvindo suas tradições e histórias açorianas. Acompanhamos escolas de samba na preparação do carnaval manezinho, além de questionar os grandes eventos comerciais da capital. Olhamos também para a nossa própria Universidade, com seus espaços, projetos e dificuldades na promoção da cultura entre os acadêmicos.

Sabemos que um assunto com o porte da Cultura não irá se esgotar nas páginas que o leitor tem em mãos, e por isso o convidamos a escrever para nossa equipe caso sinta falta de algum tema não abordado na edição. O feedback será muito bem vindo!

## OMBUDSMAN

NILSON LAGE

### O diagnóstico Zero das doenças da saúde

O grande mérito da edição do *Zero* dedicada ao atendimento à saúde em Santa Catarina é que evidencia os principais problemas do setor, que são também os do país.

Pode-se imaginar um serviço público com funcionários bem pagos, concursados, diplomados, estáveis, seguros, embalados no berço da pátria-mãe – sempre dispostos a cobrar os seus direitos e sem nenhuma obrigação que de fato lhes possa ser cobrada.

Nessa estrutura ideal, os servidores no topo da carreira, como acontece no Judiciário, determinarão salários em escala para todos, auxílios para moradia, educação dos filhos, férias, qualquer outra prenda imaginária.

Trabalharão seis horas por dia, como querem os servidores da Ufsc. Por que não cinco? Ou quatro? Ou apenas dois dias por semana?

Será um serviço público pequeno, voltado para a felicidade de seus partícipes.

Infelizmente, a vida não é assim.

É preciso fazer algo que funcione, voltado para aquele que não fala grosso: o doente.

Há enorme distância entre médicos em início de carreira que não aceitam trabalhar por cinco mil dólares ao mês e a costureira que há muito não consegue enfiar a ponta da linha na agulha porque precisa de uma cirurgia de catarata – procedimento que geralmente não dura mais que dez minutos, tem pré e pós-operatórios muito simples.

Há séculos de retardo na concepção vigente de hospitais em que a compra de material de consumo depende de burocracia insuportável, sob vigilância de uma estrutura de fiscalização gigantesca, mais cara, além de castradora, do que a máquina produtiva.

É difícil viver sob o peso de um sistema de valores segundo o qual o sujeito faz um curso de Direito, demonstra

bom conhecimento de leis em concurso para juiz e, daí, se julga capaz de impor a compra de próteses importadas desnecessárias ou a adoção de tratamentos caros e sem eficácia comprovada.

Isso tudo deixa imensamente felizes os gestores de planos de saúde, clínicas particulares, terapeutas, charlatães e todos mais que, em lugar de cuidar da saúde, como é dever do Estado, tratam da doença, que é o seu negócio.

Eles sabem que têm poderosos aliados no serviço público: - os que lutam para preservar sua irracionalidade.

No mais, o trabalho da reportagem foi bom. Lamento que, no infográfico, tenham esquecido as UPA mais perto aqui de casa, uma das grandes, junto à estação de ônibus do Trevo do Rio Tavares.

*Nilson Lage é jornalista, teórico da área, ex-professor da UFSC e UFRJ.*

## ERRATA

Na legenda da reportagem sobre o lixo hospitalar, na página cinco da edição de setembro, o verbo “recorre” foi mal empregado, pois dá a entender que o serviço terceirizado é insuficiente nos hospitais públicos. Ainda nessa matéria o primeiro parágrafo traz a afirmação incorreta: “O último grupo passa por um tratamento de 50 minutos na autoclave”. Sendo que esses resíduos são coletados pela empresa Proactiva, e não processados pelo HU.

Na matéria da página oito, sobre dependentes químicos, o termo correto é comunidades terapêuticas e não residências terapêuticas.

Quando o professor Tadeu Lemos citou a ação do Estado, se referiu “a rede pública de saúde”.



**PARTICIPE!**  
Mande críticas, sugestões e comentários para:

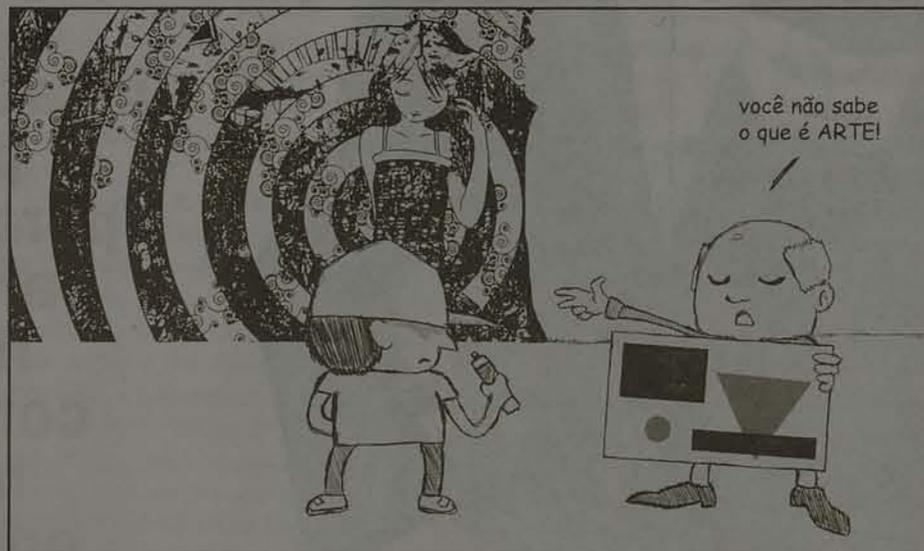
E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Facebook - /jornalzero

Twitter - @zeroufsc

Cartas - Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900



Arte: Luiz Fernando Menezes

## ZERO+

Na próxima semana, o leitor poderá acessar o conteúdo do jornal com interatividade, materiais extras e vídeos. É o Zero+, aplicativo desenvolvido como atividade de extensão do projeto “Jornalismo para Tablet’s”, da professora do curso de Jornalismo da UFSC, Rita Paulino, com a participação de bolsista e alunos voluntários. Para navegar pelo Zero+, basta enviar um e-mail para rcpauli@gmail.com, solicitando o aplicativo.

## ZERO

**JORNAL LABORATÓRIO ZERO** Ano XXXIII - Nº 3 - Junho de 2014 **REPORTAGEM** Aline Takaschima, Ana Domingues, Ayla Nardelli, Daniel García, Dayane Ros, Guilherme Longo, Guilherme Porcher, Iuri Barcellos, João Vítor Roberge, Kauane Moreira, Luíze Ribas, Priscila dos Anjos, Renata Bassani, Ricardo Florêncio, Tamires Kleinkauf, Thales Camargo **FOTOGRAFIA** Aline Takaschima, Ana Domingues, Ayla Nardelli, Dayane Ros, Guilherme Longo, Luíze Ribas, Renata Bassani, Ricardo Florêncio, Tamires Kleinkauf **EDIÇÃO** Ana Domingues, Ayla Nardelli, Daniel García, Gabriel Shiozawa, Guilherme Longo, Guilherme Porcher, João Vítor Roberge, Luíze Ribas, Priscila dos Anjos, Renata Bassani, Tamires Kleinkauf, Thales Camargo **DIAGRAMAÇÃO** Ana Domingues, Ayla Nardelli, Carlos Estrella, João Vítor Roberge, Guilherme Porcher, Luíze Ribas, Priscila dos Anjos **INFOGRAFIA** Guilherme Porcher **CAPA** Julia Ferrari **PROFESSOR-RESPONSÁVEL** Marcelo Barcelos MTb/SP 25041 **MONITORIA** Caio Spechoto, Gabriel Shiozawa **IMPRESSÃO** Gráfica Graf Norte **TIRAGEM** 5 mil exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 15 de outubro

Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca  
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
EXPOCOM 1994

Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-  
RS 1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

ZERO, outubro de 2014

## Restrição lota agenda de outros teatros

Com um espaço cultural a menos na cidade, resta às produtoras disputar os outros teatros de Florianópolis. Administrada pela Fundação Catarinense de Cultura, a agenda do Ademir Rosa, no Centro Integrado de Cultura (CIC), está completamente preenchida até o dia 20 de dezembro, quando encerra o calendário de eventos. O coordenador do local, Osni Cristóvão, explica que até as segundas-feiras, dias em que os funcionários têm folga, foram disponibilizadas para atender à grande procura. Outras 30 produções aguardam numa lista de espera em caso de cancelamentos.

Já no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) a demanda faz com que produções voltadas às crianças e, outras ao público adulto, sejam realizadas no mesmo dia - algo que, segundo Osni, procurava-se evitar. Diferente da UFSC, onde o aluguel do espaço para eventos que cobram ingresso custa o valor fixo de R\$ 4 mil, nos teatros da FCC o preço da locação varia de acordo com a bilheteria. Grupos catarinenses pagam 5% da arrecadação. Esse valor é de 10% para companhias de outros estados. As produções que não cobram ingressos pagam R\$ 2 mil - exceto formaturas, cuja taxa é de R\$ 10 mil. No TAC são cobrados 50% de todos esses mesmos preços.

Embora também sejam espaços públicos, nem no Ademir Rosa, nem no TAC existem editais. Uma comissão de pauta analisa as solicitações de eventos que chegam por ofícios, e monta a agenda dos locais. E pelo menos 20 pedidos já foram feitos para o calendário de 2015, que começa a ser definido ainda neste mês. Uma vez que o projeto é aprovado, a produtora responsável pela locação e a administração do teatro firmam o contrato.

# Licitação restringe eventos

Shows ou peças teatrais externos à UFSC não acontecem há dois anos

Sem a liberação de um edital para a ocupação do Auditório Garapuvu, 2014 vai chegando ao fim sem que nenhum grande show ou peça teatral profissional tenha passado pela UFSC. O maior teatro de Florianópolis, com capacidade para 1371 pessoas, há dois anos, não pode receber produções externas sem licitação. Segundo a Secretaria de Cultura da universidade (SeCult), o calendário do local estaria quase todo dedicado a seminários, palestras e outras atividades acadêmicas, inviabilizando uma publicação dedicada à comunidade em geral. Em dois anos de restrição, apenas seis eventos sem ligações com a UFSC foram realizados no local - todos em 2013, ano em que o último edital externo foi aberto.

Rosemar da Silva, coordenadora da SeCult, diz que esse cenário se deve às mudanças nas regras de utilização do espaço, propostas em outubro de 2012 pela Procuradoria da UFSC, após detectar irregularidades em produções que aconteciam sem contratos. A partir daí a ocupação do local passou a ser regulada por dois editais lançados anualmente: um interno, destinado à própria universidade e outro externo, lançado posteriormente para atender a população em geral com os dias excedentes.

No entanto, um relatório divulgado pela Coordenadoria de Eventos da UFSC, com todos os projetos realizados de janeiro a outubro e os previstos até o final do ano, mostra que o local poderia ter recebido mais produções. No documento é possível constatar que se fosse contabilizado apenas o período em que o último edital liberou datas para os eventos externos - entre 15 de abril e 20 de dezembro de 2013 - restariam 67 dias disponíveis. Uma das razões para tantos dias ociosos está nos cancelamentos, aponta a responsável pelo setor, Thayse Cherem.

Outro motivo da falta de procura do local foi o fechamento do Centro de Cultura e Eventos aos sábados e domingos, dias em que a procura pelo teatro aumentava. Desta forma, a maior parte dos dias excedentes estaria concentrado no início da semana, período que, supostamente, seria de menor interesse para os produtores de grandes espetáculos.

Trabalhando há 30 anos com a realização de eventos, Luiz Henrique Costa, diretor da C5 Produções, explica que as melhores arrecadações de shows costumam acontecer nos dias



Último show realizado, sem edital, no auditório Garapuvu foi da cantora Maria Rita em setembro de 2012

úteis. Um exemplo disso foi a apresentação de Angela Maria e Cauby Peixoto, no dia 23 de setembro, terça-feira. Já o principal público de peças teatrais infantis são alunos de escolas que lotam os teatros durante a semana.

Para Luiz Henrique Costa os dias livres poderiam ser ocupados caso a UFSC adotasse as mesmas regras de outros teatros, onde a licitação não é necessá-

ria: "A lei que espaços públicos devem ser licitados para serem ocupados, de fato existe. Mas também existe jurisprudência que permite apenas um contrato de uso do espaço. Se no Brasil inteiro é assim, por que na UFSC é diferente?"

O edital interno para a utilização do Centro de Cultura e Eventos em 2015 foi aberto no último dia 6 e está previsto para encerrar no dia 14 de novembro. Já as possíveis datas excedentes serão licitadas em um edital externo ainda sem previsão para ser lançado. Mas mesmo que desta vez ele seja publicado, Luiz Henrique Costa e as demais produtoras dificilmente entrarão na disputa. Para ele, o edital dificulta a participação das empresas que trabalham com a agenda de artistas e que precisam de flexibilidade de datas.

Além disso, caso haja mais interessados em um mesmo dia, uma Comissão de Seleção faria a escolha baseada em critérios que priorizam

eventos de caráter acadêmico, científico, cultural, educacional, religioso ou artístico. "Com tudo isso não tem como um show de humor, por exemplo, competir com um seminário. Fizem algo pra gente nem tentar, tanto que quase ninguém tentou" reclama o produtor, referindo-se à baixa procura no edital de 2013.

Em outubro, Luiz Henrique Costa não tem nenhum show marcado para Florianópolis, devido à falta de disponibilidade nos outros grandes teatros que a cidade dispõe (veja abaixo). "Temos uma lista de eventos

para passar por aqui mas não temos onde fazer. O Centro de Cultura e Eventos da UFSC seria um complemento necessário. Quem perde com isso é a população que fica com menos opções culturais", lamenta

Guilherme Porcher  
g.porcher2@gmail.com

## Falta de edital em 2014 impede uso do espaço

### OS PRINCIPAIS TEATROS DE FLORIANÓPOLIS

	<p><b>Auditório Garapuvu</b></p> <p>Capacidade: 1371 pessoas Localização: Centro de Cultura e Eventos Administração: Secretaria de Cultura da UFSC</p>
	<p><b>Teatro Ademir Rosa</b></p> <p>Capacidade: 906 pessoas Localização: Centro Integrado de Cultura - CIC Administração: Fundação Catarinense de Cultura</p>
	<p><b>Teatro Governador Pedro Ivo</b></p> <p>Capacidade: 706 pessoas Localização: Centro Administrativo de Governo Administração: Secretaria de Estado da Administração</p>
	<p><b>Teatro Álvaro do Carvalho</b></p> <p>Capacidade: 391 pessoas Localização: Praça Pericles Oliveira, 20 - Centro Administração: Fundação Catarinense de Cultura</p>

# Campus de Araranguá realiza festival

Estudantes buscam financiamento alternativo para viabilizar o evento na cidade, em outubro

Com a quinta edição programada para o início de novembro, o UFSC Tock tem se consolidado como um dos principais festivais de música independente de Florianópolis. Ao longo de uma semana são realizados shows, exposições, oficinas e debates, que contam com a participação de aproximadamente dez mil pessoas. Mas em 2014, o festival, pela primeira vez, não se restringirá somente a Capital. Nos dias 17 e 18 de outubro, Araranguá também recebe o evento, organizado pelos estudantes do campus.

Essa não é a primeira vez que os alunos de Araranguá tentam preparar uma edição do festival. Segundo Midiã Fraga, estudante de Design e membro da comissão organizadora de Florianópolis, no ano passado os estudantes já se mostraram interessados, mas o tempo não era hábil para organizar o UFSC Tock. Diante disso, resolveram esperar até 2014.

Um dos grandes problemas para a organização é a falta de eventos culturais no campus. Segundo Marcio Forbeci e Lucas Ferreira, estudantes de Tecnologia de Informação e Comunicação e organizadores do festival em Araranguá, há uma grande quantidade de alunos apoiando a realização do evento, porém estão receosos por ser a primeira edição.

Márcio e Lucas criticam a atitude da reitoria, considerando o ato um boicote. "Apresentamos o projeto e pediram orçamento, cumprimos o pedido e começaram a dizer que o problema era operacional, mas a Universidade é a mesma e o festival o mesmo", afirmaram os estudantes. O fato de os campi do interior não estarem inclusos nas resoluções de festas também acaba sendo um entrave na negociação. "Não temos nenhum apoio por parte da reitoria e Secretaria de Cultura da Universidade que deveriam apoiar, estimular



Cartaz do evento de Florianópolis

e dar condições à expressão artística em todos os campi", afirma Lucas.

Outro problema é a liberação de verbas. De acordo com os estudantes, havia um compromisso firmado pela reitoria para financiar o evento, o que acabou não acontecendo. A equi-

pe do ZERO entrou em contato com o gabinete da reitora, mas até o fechamento dessa edição não havia recebido resposta. Para viabilizar o festival, a organização precisou correr atrás de outros patrocinadores como o Instituto Federal de Santa Catarina, além da Casa de Cultura e a Prefeitura de Araranguá.

No início de 2013, a organização do festival, também teve problemas com o financiamento vindo da Administração Central, quando foi anunciado que não teria repasse de verbas para o UFSC Tock. Após diversas manifestações de estudantes nas redes sociais e campanhas com os centros acadêmicos, alguns setores da Universidade fizeram doações, o que tornou viável o evento.

Para 2015, há planos de expandir

ainda mais o festival. De acordo com Midiã, dois estudantes do campus de Curitiba já demonstraram interesse. Ainda não há alunos de Joinville e Blumenau interessados em levar o UFSC Tock para seus campi. Ela destaca ainda a importância do evento para os organizadores e para o público:

**"Não temos nenhum apoio por parte da reitoria da UFSC"**

co: além de ser uma opção de cultura para Florianópolis e um espaço de divulgação para artistas independentes,

é um modo de os estudantes aprenderem a trabalhar na área cultural.

Guilherme Longo

guilherme.longo93@gmail.com

## Verba disponibilizada não é suficiente

Por falta de projetos culturais administração central e secretarias assumem financiamento

"Artes e Ciência": Essa expressão, localizada no brasão da UFSC mostra duas áreas essenciais no conhecimento humano. No entanto, a realidade é a falta de projetos na área de cultura e, mesmo quando ocorrem, não são divulgados com frequência dentro da Universidade. Para amenizar a situação, órgãos ligados à administração central têm ajudado no financiamento de projetos.

A Pró-Reitoria de Extensão possui atualmente dois editais que possibilitam o financiamento de projetos de cultura. O primeiro é o ProBolsas, em que professores responsáveis por projetos de extensão ativos recebem bolsas que são distribuídas aos alunos ligados às iniciativas. O outro é o ProSocial, criado em 2014. Segundo Maristela Bertolini, pró-reitora adjunta de extensão, explica que o edital foi criado para disponibilizar verbas para projetos, e para compra de materiais de consumo e equipamentos. Atualmente, entre os 158 pedidos deferidos no edital de ProBolsas, apenas 13 são da área de cultura.

Outro financiador de projetos é a Secretaria de Cultura (SeCult), por meio de seu edital ProCultura e o Bolsa Cultura. No primeiro, as iniciativas contempladas recebem verbas para a realização de atividades. O va-

lor repassado pode variar, de acordo com as determinações do edital. Já o segundo funciona como o edital da Pró-Reitoria de Extensão e financia exclusivamente projetos culturais. Para 2015, a SeCult tem planos de lançar novos editais: para programas ligados ao projeto Fortalezas e para atividades acadêmicas, como Semanas e Cafés.

Um dos projetos ligado à Secretaria de Cultura é o Fortalezas, que tem como função manter, cuidar e gerenciar as quatro fortificações localizadas na Ilha de Santa Catarina e arredores. São elas: Santa Cruz de Anhatomirim, Santo Antônio de Ratonas, São José e São Caetano da Ponta Grossa, construídas no século XVIII para defender Santa Catarina e hoje são protegidos pelo Projeto. Consideradas patrimônio histórico nacional, elas "não tem intervenção nenhuma por parte do governo do Estado para sua manutenção e restauração", comenta Roberto Tornera. Além disso, não existe uma verba específica para o projeto por parte da UFSC para as funções. Atualmente, a equipe é formada por um coordenador, dois funcionários e oito bolsistas.

O Departamento Artístico-Cultural (DAC), órgão ligado à SeCult, atua em diversas áreas com iniciati-



Bolsa que alunos da Orquestra de Câmara recebem não é suficiente para a manutenção do grupo da UFSC

vas como o Projeto 12h30 e o Festival FITA Floripa. Além destes, o DAC também é responsável pelas oficinas e a manutenção da Galeria de Arte, que atualmente está fechada devido à reforma do Centro de Convivência.

A Orquestra de Câmara, o Madrigal e o Coral da UFSC são alguns dos projetos permanentes ligados ao DAC. Atualmente, os três são coordenados pela regente Miriam Moritz, regente do Coral desde 2004. Além de ensaios semanais, os grupos realizam apresentações em Florianópolis,

nos demais campi da Universidade e frequentemente recebem convites de prefeituras do estado para tocar. A Orquestra e o Madrigal são formados exclusivamente por estudantes de graduação, já o Coral tem a presença de professores, servidores, além da comunidade externa.

Os estudantes que fazem parte da Orquestra e do Madrigal recebem bolsas, mas esse é o único auxílio financeiro que os projetos possuem. Os instrumentos utilizados na Orquestra são dos próprios membros.

Segundo Miriam, a falta de verba por parte da Universidade se torna um grande problema, pois os concertos dos instrumentos acabam saindo de seu próprio bolso ou dos alunos. Quando participam de eventos em outras cidades, o único auxílio que recebem é o ônibus.

Guilherme Longo

guilherme.longo93@gmail.com

Daniel García

daniel.garciaja@gmail.com

# Novo status cultural para os games

Grupo da UFSC produz jogo e aposta na inserção no mercado, em expansão no Brasil

Desde o início dos anos 2000, um dos mercados que vem tendo o maior crescimento no Brasil é o de games. Dos R\$ 200 bilhões que o mercado mundial movimenta, aproximadamente R\$ 7 bilhões são mobilizados pelo mercado brasileiro que é o maior consumidor da América Latina, segundo dados de uma pesquisa lançada pela USP. Atualmente há cerca de 45 milhões de jogadores no país, tendo o maior crescimento no mercado de jogos mundial.

Santa Catarina é o quarto estado do país com maior número de desenvolvedores, atrás de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Florianópolis, com seu forte pólo tecnológico recebeu o apelido de "Vale do Silício brasileiro". Na UFSC um grupo tem se destacado nas áreas acadêmica e comercial. O G2E, ligado ao curso de Design de Animação, liderado pela professora Mônica Stein, analisa o mercado de games no Brasil, além de produzir o jogo indie *The Rotfather*. A expressão indie game, criada nos Estados Unidos na década passada, se refere a jogos produzidos por indivíduos ou pequenos grupos sem auxílio financeiro de empresas e com distribuição focada no meio digital. Alguns games, como *Minecraft*, *Braid* e *World of Goo* são exemplos de sucesso na área.

Além de ser comercial, área que vem se expandindo nos últimos anos no setor brasileiro, o jogo é politicamente incorreto. O game, segundo Mônica, segue o conceito de *metroidvania*, um gênero de animação 2D, com foco na estrutura de exploração através da ação e da aventura. Para chegar a esse conceito, o grupo pensou nos formatos favoritos de cada membro, além de realizar pesquisas de amostragem. A dublagem também foi decidida após pesquisas: chegaram à conclusão de que seria melhor fazer versões em português e em inglês, pensando em sua comercialização no mercado internacional.

*The Rotfather* conta a história de Al Cane, um rato que, na década de 1940, descobre e domina uma fábrica e o comércio de açúcar nos esgotos, no estilo de produções sobre a máfia. O jogo, criado para desktops, começa quando um grupo de baratas, mercenárias, tenta assassinar Cane mas não tem sucesso. Com a ajuda de outros animais como sapos e carpas, ele volta para se vingar daqueles que tentaram assassiná-lo. O público-alvo do jogo são pessoas fãs de *games* de ação, politicamente incorretos e principalmente na faixa dos 20 anos.

"Estamos fazendo um jogo que nós queremos jogar", afirma Carolina Lisboa, estudante de Design, membro do grupo desde 2012 e diretora de arte.

A ideia para o grupo surgiu através da sugestão de um estudante, por não ter essa área de estudo na UFSC. Além dos games, o grupo passou a analisar toda a gestão de design e a produção transmídia envolvida (Histórias em quadrinhos, animações, Fanfics, entre outros). Por isso, a produção não envolve somente o game. Os membros desenvolvem, simultaneamente, animações, action figures, jogos de tabuleiro e livros e uma trilha sonora original.

Primeiramente, chegaram a pensar em fazer um jogo casual ou educativo, mas desistiram da ideia por uma vontade dos alunos em produzir um game que se inserisse no mercado. O grupo começou a desenvolver o conceito final do *The Rotfather* no segundo semestre de 2011 e no ano passado, fizeram sua primeira apresentação no SBGames, um dos principais eventos do setor no país e foram bem recebidos ao mostrar sua produção artística.

A equipe conta com 27 alunos e formados de diversos cursos como Design, Letras, Sistemas de Informação, além de estudantes de Música na UDESC e Publicidade e Propaganda na Estácio de Sá. Porém, o número de bolsas é pequeno e a maior parte dos colaboradores participam como voluntários. Eles são divididos em áreas como arte, que produzem cenários, concept art, animação e design de game, roteiro, áudio, trilha sonora e programação, assumindo funções verdadeiras da indústria. "Se o jogo

## Santa Catarina é o quarto maior estado no país em número de desenvolvedores de games, atrás de SP, RJ e RS

der certo, todo mundo vai se beneficiar. Se o jogo der errado, todo mundo vai perder", afirma a professora. A falta de verbas da Universidade tem se mostrado um entrave. Com um maior número de bolsas, segundo Mônica, o prólogo já estaria pronto.

Atualmente é realizado no país o principal festival do setor na América Latina: a *Brasil Game Show*. Seu cres-



Equipe trabalha para finalizar o prólogo até julho para apresentações em eventos nacionais e internacionais

cimento mostra a importância que a área tem ganhado no país. Em 2009, ano da primeira edição, o público foi de 4 mil pessoas. Já em 2014, mais de 250 mil entradas foram vendidas. Alguns dos motivos apontados para o sucesso do mercado de games no país é a fidelização do público e o acesso à conexões de internet de melhor qualidade. Por isso empresas como Sony e a Microsoft têm feito grandes investimentos por aqui. Um exemplo é a comercialização do Xbox One, console da Microsoft. A empresa incluiu o país entre os primeiros a receber o aparelho, ainda em 2013, enquanto países como Portugal e Japão ainda esperam para iniciar suas vendas.

Para ajudar a aquecer o setor, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) lançou uma pesquisa em julho desse ano fazendo uma análise sobre a indústria de games no país e apresentando propostas para incentivar a produção de jogos originais, partindo tanto da iniciativa pública quanto da privada, além de sugerir que as empresas criem mais propriedades intelectuais, para que seus produtos possam ser comercializados no Brasil e no mundo. No ano passado, o jogo *Toren*, produzido pelo estúdio gaúcho *Swordtales* foi o primeiro aprovado pela Lei Rouanet para a captação de recursos, sinalizando uma mudança nos incentivos, até então focados em jogos educativos. Para Mônica, essa é uma das razões para a produção transmídia: mostrar as possibilidades de movimentação econômica para a indústria nacional. "O mercado de games hoje é feito por pessoas que decidem se reunir e desenvolver um produto, mas são produções pequenas. O mercado aqui no Brasil não

tem infraestrutura nem dinheiro, porque não é visto como uma necessidade por parte do governo", afirma.

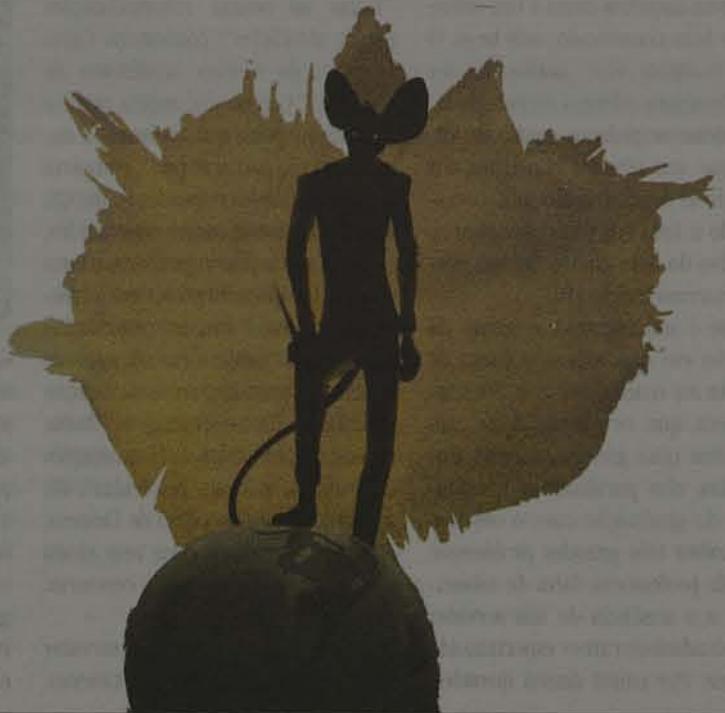
A pesquisa também determinou que, mesmo que seja o quarto país do mundo em consumir videogames, é preciso uma nova política pública por parte do Governo para que o Brasil possa ser competitivo no mercado produtor, que é dominado pelos Estados Unidos, Canadá, a China, Coreia do Sul e França. Para a professora, uma solução para o crescimento da indústria no país, seria a criação de clusters, onde setores diferentes, como games, cinema e música se apoiam em uma região geográfica.

Outra barreira a ser ultrapassada pelo mercado é a visão dos games como elemento não-cultural. Isso interfere diretamente com possibilidades de financiamento. Por serem enquadrados como "jogos ilícitos", os juros de empréstimos feitos nos ban-

cos públicos acabam sendo muito altos. Assim, são colocados no mesmo patamar de produtos como os caça-níqueis.

Em novembro, os estudantes realizarão uma demonstração na SBGames sobre como funciona a dinâmica do grupo. Já para 2015, o plano é finalizar o prólogo do jogo para apresentações em festivais no Brasil e no mundo. A partir da recepção, será discutido a produção da trilogia do jogo. Por enquanto, são realizados testes com o game em uma versão beta pelos alunos e convidados, para analisar as etapas já concluídas.

Daniel García  
daniel.garciaja@gmail.com  
Guilherme Longo  
guilherme.longo93@gmail.com



# Falta de verba emperra graduação

Criação de curso de dança na Udesc requer R\$ 7 milhões para ser implantado na capital e em Joinville

O primeiro curso superior de dança em Santa Catarina, está próximo a sair do papel, após uma espera que dura mais de 20 anos, quando o primeiro pedido foi encaminhado à administração da Udesc. A implantação depende agora de uma mudança no artigo 171 da Lei da Educação Superior, que permitiria ao Governo do Estado o repasse de verbas para viabilizar, fundar e manter o curso. Caso a Assembleia Legislativa vote favorável à alteração, a previsão é de que o próximo vestibular já ofereça a Licenciatura em Dança para o início das aulas em 2015.

A luta pela criação do curso começou em 1991, quando a professora de Teatro da Udesc, Sandra Meyer, iniciou um projeto pedagógico com o apoio de alguns profissionais e acadêmicos da área das artes cênicas. Na época, a administração priorizou outros cursos com mais demanda, e a dança ficou na fila. Só em 2005 o projeto foi finalizado e encaminhado para a universidade que demorou mais oito anos para aprovar o curso.

No ano passado o Secretário de Educação, Eduardo Deschamps, se comprometeu a apoiar o curso com a verba necessária. "Mas no dia 11 de fevereiro deste ano, ele disse que a Secretaria não tinha mais verba",



Aulas de trabalho corporal suprem parcialmente a lacuna

lembra Sandra. Deschamps foi procurado por duas semanas para falar a respeito com a equipe do Zero, porém não mostrou disponibilidade para a entrevista.

Para o assessor da Reitoria da Udesc, Thiago Augusto, a demora no processo do repasse de verba está dentro do esperado quando são criados novos cursos. "O projeto do curso de dança segue a tramitação normal e, como os demais projetos de novos cursos, precisa da garantia de recursos para sua implementação".

O caminho para a graduação em dança no Estado não ficou restrito a Florianópolis. Em fevereiro do ano passado, o diretor geral do Centro de Ciências Tecnológicas (CCT) da Udesc, Leandro Swirzk, demonstrou interesse na graduação em dança também em Joinville. A partir disso, foi acordado que a busca por verba junto ao governo, no valor de R\$ 7 milhões ao ano, financiaria a implantação do curso em Florianópolis e Joinville. O Governo defende que um repasse no valor de R\$ 4 milhões

## UFSC estuda abrir Centro de Artes

Em junho deste ano, o pró-reitor da graduação da UFSC, Rogério Luiz de Souza, convocou algumas pessoas interessadas na criação de um Centro de Artes na universidade. O resultado da reunião, que teve a presença de representantes do CDS, CCE, SeCult e PROGRAD, foi a promessa, por parte do pró-reitor, de um Fórum das Artes para chamar atenção da comunidade universitária e então analisar a possibilidade da criação de um projeto para apresentar à Administração Central.

A criação de um Centro de Arte exigiria mais verba, servidores técnico-administrativos, professores e infraestrutura, afirma o pró-reitor. "Tenho receio em mobilizar as pessoas e não receber nada do governo. O orçamento destinado a esse ano foi o mesmo do ano passado, e as coisas ficam mais caras a cada ano", complementa.

Para Souza, a ampliação das artes na UFSC teria um papel fundamental para aproximar as pessoas e diminuir a discriminação que existe: "O centro tecnológico e os centros de humanas tem rixa há muito tempo, e a arte iria influenciar esse comportamento ao ser espalhada pelos espaços da UFSC. A arte tem o objetivo de ajudar a compreender as situações vividas".

ao ano poderia ser feito, garantindo ao menos o curso no Norte do Estado.

No entanto, nem a reitoria da Udesc, nem o grupo de professores que idealizaram o projeto original pretendem que o curso fique só em Joinville. Para Sandra Meyer, a capital tem a sede do Centro de Artes (Ceart) da UDESC, o que proporciona uma ligação maior entre as outras artes, fortalecendo o cenário artístico e cultural da cidade. "Temos a pre-

ocupação de que o curso exista em Joinville, é claro, mas é muito importante que ocorra aqui também. Foi em Florianópolis que a dança começou, que os primeiros grupos foram criados. Tem muita história aqui, há tradição e uma procura grande."

Ana Domingues  
anadomingues.ufsc@gmail.com  
João Vítor Roberge  
jvitor31@gmail.com

# Curso de Cinema reivindica melhores condições

Apesar das mudanças conquistadas, ainda faltam espaços adequados para sua formação profissional

Ao entrar na sala do Cineclub, projeto de extensão do curso de cinema da UFSC, é impossível não reparar no seu mau-cheiro. A sensação é de que morreu alguém ali dentro. Quem se atreve a entrar nela se depara com um porta-arquivos cinza e um velho, porém bem conservado, sofá bege. O chão, bastante sujo, acabou de ser trocado numa reforma recente. Nele, encontram-se pedaços caídos do ninho que um pássaro construiu em cima do ar condicionado split. Investigando a área em volta, descobre-se o motivo do mau cheiro: há um pássaro marrom morto ali.

Esse é um exemplo extremo da situação em que estava o curso de Cinema até maio deste ano. Foi nessa época que os alunos decidiram organizar uma greve estudantil. Por dez dias, eles paralisaram as atividades da graduação com o objetivo de resolver três grandes problemas: falta de professores, falta de laboratórios e a ausência de um servidor técnico-administrativo especializado na área. Por causa dessas questões,

havia a ameaça do curso ser fechado pelo MEC, pois os requisitos mínimos de funcionamento não estavam sendo atendidos.

Nos meses após a greve, a situação do curso melhorou bastante. "Todas as nossas reivindicações foram atendidas", comemora Carol Morgan, do Centro Acadêmico de Cinema. "A greve foi muito ativa e contribuiu para que tivéssemos sucesso em tão pouco tempo", completa Helena Sardinha, presidente do CA. Novos professores foram contratados, e os docentes ainda ganharam uma sala — algo que não possuíam antes.

Neste ano, foram contratadas duas novas professoras através de concursos, para dar aulas de direção cinematográfica e montagem. "Todas as nossas demandas de contratações de professores foram resolvidas", diz a coordenadora do curso de Cinema, Aglair Bernardo. Ano que vem ainda será realizado um novo concurso, para a área de roteiro.

Felipe Gomes é o novo servidor técnico-administrativo do Cinema.



Estúdio de áudio e salas são previstos para o começo de 2016

Com seu estilo meio Steve Jobs de usar óculos, camiseta preta e calça jeans, ele trouxe um conhecimento técnico que estava faltando para a parte administrativa do curso. Ele ajuda a identificar quais equipamentos precisam ser comprados em futuras licitações, além de que os alunos ganham alguém a quem recorrer na hora de usar as câmeras e microfones.

A situação do espaço físico é um pouco mais delicada. Hoje, não há nenhum estúdio para que os alunos de Cinema possam usar para gravar seus trabalhos. O ideal, segundo Felipe Gomes, é que ainda houvesse um local exclusivo para se trabalhar com áudio. Por enquanto, os alunos improvisam usando o Laboratório de Estudos de Cinema (LEC), e realizando as atividades de fotografia

análoga na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Para completar, são três salas de aula para o curso inteiro.

Um novo prédio de 4,6 mil m<sup>2</sup>, que custou cerca de R\$ 16 milhões e fará parte do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), está sendo construído. A expectativa é de que ele resolva esses problemas. O edifício terá um estúdio multiuso, que será usado em conjunto pelos alunos de Cinema e de Artes Cênicas, e um estúdio para gravações de áudio. O problema é que a construção só deve ficar pronta em 2015. Caso o prazo seja cumprido, só poderão haver aulas nele no primeiro semestre de 2016. Até lá, o jeito é improvisar.

Carlos Estrella  
carlosfellepeestrella@gmail.com  
Suelen Rocha  
suelenrochacom@gmail.com

# Falta espaço e verba para atividades

Em Florianópolis o investimento na área de cultura é tão baixo que chega a menos de um real por habitante da cidade

Documentos antigos, troféus, cadeiras e armários velhos dividem espaço com livros didáticos e cobertores na Galeria dos Imortais Catarinenses, no Centro Integrado de Cultura (CIC). O local é amplo e foi construído para abrigar exposições. Antes da reforma do CIC em 2009, ela servia para oficinas de teatro e artes e cumpria com a sua finalidade. Hoje é um depósito, uma espécie de galpão onde são despejados materiais antigos, que não tem mais serventia. Este é o retrato de uma das salas sob responsabilidade da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), localizada na ala não restaurada do CIC.

A reforma em infraestrutura já custou aproximadamente R\$ 17 milhões aos cofres públicos. Em agosto, o jornal *Diário Catarinense* obteve um relatório da museóloga Lizandra Felisbino, com críticas à infraestrutura do Museu da Imagem e do Som (MIS). Cerca de 2.433 itens não estavam catalogados,

de um total de 3.800 peças – entre filmes, fotografias, discos e equipamentos antigos. Uma das doações, de discos de vinil, foi feita há 15 anos, um ano depois da fundação do museu. Os itens seriam encaminhados irregularmente a São Paulo. A mobilização gerada pelo vazamento das informações aumentou o interesse para saber o que se fez com o dinheiro público destinado a manutenção do CIC. Somente em 2014, três presidentes assumiram a Fundação Catarinense de Cultura. O Zero entrou em contato com a FCC para conversar com a presidente Maria Teresinha Debaltin e o diretor de Preservação do Patrimônio Cultural, Vanderlei Sartori, mas até o fechamento do jornal não obteve resposta da assessoria de imprensa.

## Diminuição de verba

A cada ano, o investimento na área cultural vem diminuindo. Em 2012, o sistema de financiamento cultural lançou o edital de Apoio à Cultura garantindo R\$ 1,2 milhão, porém entre 2013 e até o início de outubro de 2014 não abriram novos editais. No começo do mês, a Secretaria de Cultura de Florianópolis propôs lançar um edital de Apoio à Cul-

tura no valor de R\$ 380 mil para 17 áreas artísticas. O subsídio é concedido pelo Fundo Municipal de Cultura, que conta com R\$ 650 mil e deve ser aplicado prioritariamente aos projetos culturais da sociedade, conforme aponta o Guia de Orientações para os Municípios do Sistema Nacional de Cultura. A setorial de audiovisual e do teatro são contra a proposta, pois acreditam que o valor é insuficiente. O Conselho de Política Cultural está dividido. “Contando que Florianópolis possui 421 mil habitantes, o município investe menos de um real em Cultura por pessoa”, afirma o diretor, dramaturgo e membro do Conselho Setorial de Teatro, Jucca Rodrigues.

Fátima Lima, professora de Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina, avalia que o Prêmio Elisabete Anderle de Incentivo à Cultura, criado pelo Estado, e o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz, do governo federal, é que movimentam o cenário cultural em Santa Catarina. “Os artistas do Estado não têm salário, não tem como sobreviver”.

O secretário de Cultura de Florianópolis, Luiz Ekke Moukarzel, destaca que o objetivo do setor é planejar, coordenar e avaliar as políticas em Cultura no município. Como prioridade, a pasta está realizando um mapeamento cultural da cidade por meio de uma plataforma colaborativa e digital. Através do idCult Floripa (Sistema Municipal de Indicadores e Informações Culturais), a Secretaria indica onde estão os artistas e quais projetos estão sendo realizados.

De acordo com o relatório de 2013 da Secretaria de Cultura, a pasta realizou 1.088 atividades culturais – 165 pagas e 923 gratuitas –, com o público total estimado em 427.360 pessoas. Fátima Lima avalia que não há incentivo a produção e sim uma política de eventos. Jucca Rodrigues concorda e diz que “a cultura ainda não passou a fazer parte da política de estado”. Para ele, a Maratona Cultural exemplifica a situação. Criado em 2011, o evento é realizado por uma instituição privada sem fins lucrativos e conta com o subsídio da prefeitura, do Estado e de patrocínio da iniciativa privada. Em 2014, o projeto teve o orçamento reduzido.



No CIC, a Galeria dos Imortais Catarinenses divide espaço com troféus, documentos e cobertores

Recebeu R\$ 250 mil da prefeitura e R\$ 300 mil de patrocínio privado. De acordo com o Sistema Estadual de Incentivo à Cultura, Turismo e Esporte e o Conselho Estadual de Cultura, “há pendências na prestação de contas desde a primeira edição”. Por conta disso, a Maratona não recebeu o repasse de R\$ 627 mil que eram esperados do Governo do Estado. “Não adianta gastar rios de dinheiro para comprar talheres de ouro se falta ovos para fritar”, avalia Jucca.

Segundo o diretor, falta diálogo entre o poder público e os artistas. “Não há uma escuta sensível dos governantes. O que existe é aquela visão em apresentar algo pronto”. Ele admite que o Conselho Municipal de Cultura, composto por 30 membros da sociedade civil e do poder público, é importante para o setor. No entanto, afirma que o grupo é pouco ouvido.

Como forma de protesto, o Fórum Setorial Permanente de Artes Cênicas organizou uma “Invasão Teatral” em fevereiro deste ano. Nos primeiros oito dias do mês, 28 espetáculos entraram em cartaz nos espaços cul-

turais da cidade contando com mais de cinco mil espectadores. “Nem todo mundo conseguiu ter um retorno da bilheteria, mas ao mesmo tempo nós lemos um manifesto explicando a ação, que a gente consegue entrar em cartaz e que tem público a fim de assistir”, explica Barbara Biscaro, integrante do Fórum Setorial de Artes Cênicas.



Centro iniciou reforma ainda não concluída em 2009; valor é de R\$17 milhões

Aline Takashima  
alinetakaschima@gmail.com  
Ricardo Florêncio  
r.florenciopassos@gmail.com

# Quais são os Problemas da Cultura em Santa Catarina?

Para representantes de diversos setores culturais do Estado, há muito o que avançar, desde as políticas públicas e editais até os locais de divulgação artística cada vez mais raros

Em meio a quadros de pintores contemporâneos e o aroma inconfundível de café, nove convidados de áreas distintas discutiram o cenário cultural em Florianópolis e Santa Catarina, a convite do Zero. A conversa, realizada no dia 29/9, teve a presença dos músicos Jean Mafra, François Muleka e Geraldo Borges, acompanhados dos professores Pedro Coimbra e Sandra Meyer, a atriz Barbara Biscaro, o escultor e defensor da cultura popular Cláudio Andrade, o escritor Amílcar Neves e o cineasta Zeca Pires. O grupo debateu desde os projetos autorais e as colaborações entre os artistas, o papel da arte nas escolas e universidades, cinema, dança, cultura popular e um tema que gera descontentamento: as políticas públicas na área de artes.

Os artistas avaliam que entre 1980 até meados dos anos 2000, a cultura pulsava com mais vigor em Santa Catarina. Hoje, as entidades governamentais enfrentam problemas crônicos como as burocracias para a aprovação de projetos, falta de clareza na destinação dos recursos, incerteza nas datas dos editais e deficiência nas estruturas. "Estamos num período de entressafra meio longo", destaca o músico e compositor Jean Mafra, "eles fazem de conta que tem uma política cultural, dessa forma acabaram com o diálogo entre os artistas de áreas distintas e com a própria política cultural".

As deficiências apontadas no poder público não impedem a classe artística de se mobilizar e planejar o futuro. A professora de Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Sandra Meyer questiona, "Como a Arte pode invadir a cidade? Como pensar a ativação destes espaços culturais?". Pensando em responder a estas questões, o Zero dividiu o Café Cultural em temáticas diferentes com as principais considerações de cada convidado.

## Políticas Públicas

"O poder público abre um diálogo fingido, não tem uma escuta efetiva das pessoas". A afirmação da atriz Barbara Biscaro, integrante do Conselho Municipal de Políticas Culturais entre 2012 e 2014, é consenso entre os artistas presentes. Para Jean Mafra, "eles acabaram com todos os diálogos e com a própria política cultural – eles fazem de conta que tem uma política cultural".

O Estado divide a Secretaria de Cultura com o Turismo e Esporte, o que causa insatisfação aos artistas. O escritor e conselheiro Estadual de Cultura Amílcar Neves afirma que a Fundação Catarinense de Cultura (FCC) exerce o papel de Secretaria. "Não há um corpo permanente e os funcionários são mínimos". O município criou a Secretaria de Cultura de Florianópolis – porém, não tem equipe própria, dividindo as funções com

a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFCC).

De acordo com Biscaro, a FCC desconhece os produtos culturais que financia. "Um Estado que não conhece a sua própria produção, não a valoriza". O cineasta Zeca Pires afirma que a Fundação não tem interesse em exibir filmes e curtas catarinenses nas escolas públicas. "Passar os filmes no Estado é um investimento muito menor do que o financiamento do filme".

A classe enfrenta problemas em relação aos espaços de encontros e financiamentos. Sandra Meyer afirma que o edital é importante para não se criar "política de balcão", mas lamenta a falta de continuidade. "Então fica um limbo. Eles não olham o que a Cultura tem para apoiar e não garantem minimamente".

## Arte-educação

O tema "educação" foi o último tópico discutido no Café, levando Pedro Coimbra, professor de Teatro do Ensino Fundamental e Médio, a comentar: "Há um desinteresse pela

educação. Nós sempre discutimos políticas públicas, produção, mas nunca se fala da formação". Para ele, as escolas públicas e particulares veem a arte como algo secundário.

Na tentativa de mudar esta visão, o professor incorpora hábitos culturais com seus alunos e suas famílias. Em uma das escolas particulares, ele ministra duas aulas por ano para os pais dos adolescentes. Em outra, leva os pais ao teatro com os estudantes. "É uma tentativa de formar uma família que consome cultura".

Para o professor, mais importante que o processo artístico é o pedagógico.

## Cultura popular

Assim como os engenhos de farinha fazem parte do cotidiano dos acorianos, a festa do Divino Espírito Santo emociona os manezinhos. É o que alega Cláudio de Andrade, artista-plástico e um dos proprietários do Casarão e Engenho dos Andrade. Ele afirma que estas práticas nascem de pessoas humildes e estão presentes no interior da Ilha, mas adverte que à medida que manifestações se profissionalizam, vão se distanciando das comunidades. Para o artista, é necessário que os editais sejam aperfeiçoados, de modo que as pessoas consigam se inscrever. "A cultura popular morre quando as pessoas que poderiam transmitir não conseguem

## Jornalismo Cultural

Ao abrir o caderno de Cultura dos jornais, é possível encontrar inúmeros eventos acontecendo em Florianópolis. Para Barbara Biscaro, isto é insuficiente. "Não há um espaço que se discuta a relação que a cidade tá criando com a cultura". A atriz percebe que há uma supervalorização de eventos de outros estados e países. "Você lê no jornal uma reiteração: não existe produção cultural em Florianópolis. E quando olha o Facebook tem quinhentas coisas acontecendo".

Para Jean Mafra, o problema não é só a imprensa. "Santa Catarina é muito provinciana. Os próprios artistas são os produtores. E no geral, a gente pensa dessa maneira, 'tudo o que vem de fora é mais bacana'. E os jornais reproduzem este raciocínio".

Uma das ações da Setorial Municipal de Música é fazer cumprir a Lei Municipal 8748/2011, que reserva 20% da grade musical nas rádios à música catarinense. "A gente escuta

co. "Alguns professores de Artes querem apresentar uma peça e pronto. E não é assim. É preciso aprofundar o debate". Ele afirma que o jovem vive um momento conturbado, está construindo uma identidade. "Quando acontece algum evento artístico, ele tem possibilidade de ter um momento de pertencimento. Se o artista é sensível e percebe essa troca com o aluno, é um salto interessante".

passar para novas gerações. De que forma as pessoas mais simples vão ter acesso aos editais?"

Além de fomentar a cultura através de políticas públicas, Cláudio defende o registro do patrimônio imaterial de Florianópolis, que falta na Capital. "A Fundação Franklin Cascaes desconhecia o sertão do Ribeirão, que é voltado à agricultura e aos engenheiros de farinha". Este ano, a Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa – contemplada com o edital Elisabete Anderle – está realizando um inventário das tradições populares em parceria com o Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Após apresentar uma peça no Palácio Cruz e Souza, Bárbara Biscaro encontrou o jardim lotado com uma entusiasta plateia assistindo filme no gramado. O evento aconteceu em 2011, na primeira Maratona Cultural de Florianópolis. Após quatro edições, o festival dividiu a classe artística. A atriz acredita que "o projeto tem os seus méritos, mas ele corrobora com uma politicagem de cultura e não com a instauração de políticas públicas". O evento é realizado por uma instituição privada

sem fins lucrativos e conta com o subsídio da prefeitura, do Estado e de patrocínio da iniciativa privada. "O Estado pegou o projeto que era privado e assinou como se fosse dele. Na campanha eleitoral, foi usada a logomarca de apoio cultural. É uma distorção conceitual, ideológica, política".

Para Amílcar Neves não é certo "um artista de fora ganhar cinco



Representantes de setores culturais conversaram com repórteres do Zero em um café no Santa Mônica para discutir o panorama do Estado

## Política de Eventos

Embora destaque a importância do evento, Sandra Meyer argumenta que é a consequência de uma produção. "As instituições acreditam que devem fazer cultura. Elas não tem que fazer nada. Devem olhar para

o que está acontecendo e alavancar isso. Faz a Bial, faz o Isnard Azevedo... A ideia deles é produzir eventos. E o que importa mesmo é dar uma estrutura. Mas eles viram as costas para o que está acontecendo."

Em 2014, o projeto recebeu R\$ 250 mil da prefeitura e R\$ 300 mil de patrocínio privado. O Governo do Estado não repassou os R\$ 627 mil que eram esperados. Segundo o Conselho Estadual de Cultura e o Sistema Nacional de Incentivo à Cultura, Turismo e Esporte, desde a primeira edição existem pendências quanto à prestação de contas. O escritor e integrante do Conselho Estadual de Cultura afirma que "A Maratona tem valores astronômicos e não se diz para onde o dinheiro tá indo".

Jean Mafra foi o único artista do Café Cultural a declarar apoio à Maratona Cultural. "Temos que fazer com que dialogue com as reais necessidades. É cheia de problemas, politicagem, mas é uma possibilidade bacana."

Com o fim do Café Matisse e as atividades culturais do CIC, os artistas

ocupam diferentes espaços. Para Barbara, "a cidade cresceu e a gente não

completa dos artista - por isto, há mais de 20 anos existe um movimento para a criação do curso de Dança na UDESC. Pedro Coimbra ressalta que a universidade promove encontros e possibilidades. "O curso de Dança possibilita o local em que se possa criar junto, e isto é incrível".

Embora Santa Catarina possua o Fórum Setorial Audiovisual e duas graduações em Cinema, uma na Universidade do Estado de Santa Catarina (UNISUL) e outra na UFSC, a dificuldade em fazer cinema no Estado é grande. É o que afirma Zeca Pires, cineasta catarinense.

Em 2014, a Agência Nacional do Cinema (ANCINE) se propôs a dar uma vez e meia cada Real que o Estado e as capitais colocarem em

projetos de incentivo e editais locais. A Fundação Catarinense de Cultura e a Secretaria de Cultura perderam o prazo de inscrição, que terminou no dia 25 de abril. Zeca lamenta que Santa Catarina não recebeu este auxílio. "O Rio Grande do Sul mandou os documentos e recebeu o dinheiro. Espero que no ano que vem o Estado mande. Que a gente não perca essa verba de novo".

Para literatura também". Em 2009, o bar-café foi fechado por conta de uma reforma no CIC, que ainda não foi concluída. Pedro Coimbra lembra de sua infância convivendo com artistas no Centro Integrado de Cultura. "Naquela época do Café Matisse eu era uma criança, mas ia com os meus pais. Fazia aula de música, coral. Hoje vejo que minha mãe tem uma grande dificuldade em levar meus irmãos mais novos para espaços culturais". O professor ainda reclama que "falta espaço para eu levar minhas crianças, os meus alunos. A gente depende de um acontecimento para visitar algum espaço artístico".

sabe lidar com essa cidade crescendo, pulverizada". Dentre os locais de encontro em Florianópolis, ela destaca a Travessa Ratchif, entre a rua João Pinto e a Tiradentes, no Centro. "As pessoas vão numa roda de samba no Canto do Noel, assistem a um espetáculo, é incrível".

Para Jean Mafra, a Travessa Ratchif é interessante para a arte, mas faltam mais lugares. Zeca Pires destaca alguns espaços da cidade que precisam ser recuperados tais como

## Dança

o Memorial Meyer Filho, os museus Franklin Cascaes, Cruz e Souza e Victor Meirelles e o Cine São José. Cláudio lamenta: "Franklin Cascaes merecia ser o símbolo de Florianópolis. Pelo que ele fez pela cultura em geral, principalmente pela cultura popular. A Fundação Franklin Cascaes deveria ser um espaço público para reunir todos os artistas. Tem tantos casarões fantásticos e a necessidade de reunir essa galera que é tão eclética".

## Cinema

Embora Santa Catarina possua o Fórum Setorial Audiovisual e duas graduações em Cinema, uma na Universidade do Estado de Santa Catarina (UNISUL) e outra na UFSC, a dificuldade em fazer cinema no Estado é grande. É o que afirma Zeca Pires, cineasta catarinense.

Em 2014, a Agência Nacional do Cinema (ANCINE) se propôs a dar uma vez e meia cada Real que o Estado e as capitais colocarem em

## Coletivos

"Para não diminuir a velocidade da produção, resolvemos não esperar por editais", afirma o produtor Geraldo Borges, responsável pelo projeto O Clube, coletivo de bandas autorais. Outro grupo de músicos que surgiu em Florianópolis é a Janela Cultural, reunião de compositores da Sociedade de Soul, Caradúcia, Marelua e Karibu.

François Muleka conta que a Janela Cultural surgiu com um pequeno grupo de artistas e um espaço cultural: A Casa de Noca. O bar financia artistas que acredita. Geraldo afirma

que um dos principais problemas das bandas autorais é a distribuição. "A gente não consegue movimentar 300 pessoas para um evento de música". Isto fez com que o produtor realizasse eventos na casa de shows Célula Cultural com a "catraca livre", ou seja, o público não paga a entrada. Já os músicos da Janela Cultural organizaram as agendas de shows de suas bandas, para não perder público.

Alone Takaschima  
alinetakaschima@gmail.com



**Cláudio Andrade.** O artista plástico integra o Conselho Municipal de Cultura. Defensor da cultura popular, gerencia atividades do Casarão e Engenho dos Andrade.



**Amílcar Neves.** Com oito livros publicados, o escritor faz parte da Academia Catarinense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura. Ajudou a criar o Plano Estadual de Cultura.



**Barbara Biscaro.** Dramaturga, atriz, cantora e diretora teatral. Entre abril de 2012 e março de 2014, fez parte do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Florianópolis.



**Zeca Pires.** Dirigiu dois longos metragens, seis documentários e duas curtas-metragens. Foi um dos criadores da Cinemateca Catarinense e do Fundo Municipal de Cinema.



**Pedro Coimbra.** Formado em Teatro pela Udesc, é professor de Teatro em escolas particulares de Florianópolis. Atua também como palestrante de técnicas de treinamento de ator.



**Sandra Meyer.** Professora do curso de Licenciatura e da pós-graduação em Teatro da Udesc, dançarina e coreógrafa. Foi Conselheira Municipal de Cultura.



**Jean Mafra.** O músico e compositor esteve na criação do Clube da Luta, coletivo de bandas autorais da cidade. Participou da setorial do Ministério da Cultura (MinC) em 2010.



**François Muleka.** O compositor cria canções com influência da música brasileira e da música tradicional africana. É um dos integrantes do projeto Janela Cultural.



**Geraldo Borges.** Responsável pela criação do O Clube, coletivo de bandas autorais. Produtor, organiza a agenda de shows da Célula Cultural do bar General Lee.

# Corte radical de verba afeta Cultura

Setor tem R\$ 1,43 por habitante no ano. PMF diminuiu orçamento de todas as secretarias

Foi com o objetivo de reestruturar administrativamente o setor cultural que a Secretaria Municipal de Cultura foi criada em julho de 2013. A partir de sua formação, Florianópolis entrou para a pequena lista de municípios que conta com um órgão exclusivo para área cultural. O primeiro secretário nomeado para o cargo é Luiz Ekke Moukarzel. Graduado em Educação Artística pela Udesc, ele atua há mais de 40 anos no mundo artístico. Moukarzel representou a sociedade civil em diversas comissões, foi do Departamento de Cultura do SESC Santa Catarina e superintendente da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes. Há dois anos como secretário, ele conta ao *Zero* as principais mudanças que ocorreram nesta nova gestão cultural da cidade e as políticas públicas que serão adotadas nos próximos anos.

**Com a criação do Plano Municipal de Cultura da Capital, Florianópolis cumpre os principais compromissos pactuados junto ao Sistema Nacional de Cultura, pois foram criados o Conselho, o Plano e o Fundo. Quais as ações que serão tomadas a longo e a curto prazo?**

O Plano está em construção desde 2011, por membros da sociedade civil e pelo Conselho de Fundo de Política Cultural. Ele é decenal, até 2023, com uma série de propostas que começaram a ser estudadas em 2011 e foram discutidas

em reuniões com grupos setoriais. A Câmara deve aprovar o Plano até o final do ano. Algumas etapas do Plano praticamente já foram cumpridas. Exemplo, a Secretaria Municipal de Cultura (SecCult), mantendo a Fundação Franklin Cascaes como um órgão executor da política pública, em forma de programas, atividades e projetos.

**Quais projetos e ações já foram realizadas pela Secretaria?**

Nós temos o mapeamento cultural, que é uma necessidade. Ele já está no ar desde agosto e pode ser visto no [www.cultura.sc/floripa](http://www.cultura.sc/floripa). Ele detecta no município quem são os artistas, o que fazem, de que forma e em que projeto. Quando elaboramos o Plano, notamos que a maior dificuldade foi a detecção dos indicadores de Cultura. Os que existiam não possuíam

uma forma científica. Na mesma plataforma também são lançados os editais. Até então, a política pública era feita a partir da vontade do gestor, mas ela tem que ser feita a partir de dados científicos. Se eu fizesse um show, a Secretaria teria mais visibilidade, mas apesar de não ser um evento cultural, o site é muito importante. Do ponto de vista dos artistas e da sociedade, eles querem algo imediato. Aí aparece que a Secretaria não faz nada, mas isso é mais importante que show. Nós também estamos realizando o mapeamento dos espaços, equipamento e associação cultural. Se você pesquisar, vai encontrar uma concentração de equipamentos culturais no centro da cidade e ausência deles nos bairros. Isso interfere na saturação da mobilidade. Se houver a possibilidade de construir um espaço cultural nos bairros, ou nos 12 distritos de Florianópolis, torna-se muito mais fácil uma pessoa ter acesso à Cultura próximo de sua casa. E aí estamos falando de política pública, ou seja, como é que vamos fazer as coisas para ampliar o acesso.

**Além do fomento estrutural, a Secretaria tem realizado os registros e documentado o patrimônio imaterial?**

Até 2012 não era responsabilidade da Franklin Cascaes fazer o patrimônio imaterial, era responsabilidade da SEPHAN e do IPUF. A partir de dezembro de 2012, com a alteração da lei, passou a ser responsabilidade da Fundação, via SecCult. Foi nomeada

uma comissão do patrimônio imaterial, com pessoas da sociedade civil e do poder público. O registro pode ser feito através de dois caminhos: a partir da detecção no mapeamento cultural ou a SecCult pode demandar um processo para iniciar a fiscalização sobre o patrimônio imaterial, ou seja, realizando o levantamento de documentos. Exemplo, se um grupo artístico acha que o seu trabalho é uma tradição cultural, ele solicita o estudo de registro. É a partir desta análise que a comissão detecta se algo é pertinente ou não. Tem muita coisa que as pessoas acham que é patrimônio imaterial mas não é. Por exemplo, as pessoas dizem "o samba é patrimônio cultural do Brasil", mas não é. O certo é o samba do Recôncavo Baiano, o chamado Samba do Recôncavo, o Samba Chula. O samba urbano é outra história. É neces-



Moukarzel critica a falta de participação popular com a Secretaria

sário que o projeto possua todo um processo histórico para ser incluído como patrimônio imaterial do município.

**Qual é o valor mínimo no Fundo Municipal de Cultura para o lançamento de edital?**

O Fundo diz que é 0,7% da arrecadação do Imposto sobre Serviços (ISS), portanto neste ano o valor mínimo seria de R\$ 1,2 milhão. Em 12 de fevereiro de 2014, o prefeito lançou o decreto 12/790, que prevê o corte do orçamento de todas as secretarias e de todos os fundos, já que o orçamento do município não tinha receita o suficiente para cumprir aquela meta. Ele tinha feito uma solicitação de aumento do IPTU, mas como não houve o aumento, a previsão orçamentária não pôde ser cumprida. Por isso, houve um corte de 50% em todos os setores. No fim, ficou destinado ao Fundo de Cultura R\$ 600 mil, deste valor, ainda restam R\$ 487 mil e também temos mais um aporte.

**Alguns artistas da cultura popular, por exemplo, não sabem como preencher todos os requisitos de um edital. Há outras formas de se inscrever em editais além da maneira tradicional?**

A lei não permite outro organismo que não seja esse. Se a pessoa não domina as ferramentas, não sabe construir um projeto, ela deve fazer um treinamento de projetos. Agora não é possível que uma pessoa que trabalhe com cultura não saiba fazer isso. Outra pessoa que participe do grupo, uma amiga, pode preencher

para ele. Até porque a lei não permite que um gestor faça inferência sobre os proponentes. Mesmo que eu quisesse, ou que a Fundação quisesse, estaríamos cometendo uma ilegalidade, porque o outro que sabe disso, e não teve essa ajuda, pode impugnar o processo.

**A prefeitura investiu R\$ 250 mil na Maratona Cultural este ano. No entanto, não foram realizados editais do Fundo Municipal em 2013 e até o momento em 2014. Por que isto ocorreu?**

O Fundo não repassa dinheiro para a Maratona, nunca passou. O evento é um projeto do Estado que acontece em Florianópolis. O município colaborou via gabinete do prefeito e secretarias. O projeto, aprovado com base na Lei Rouanet, é colocado no

Fundo Cultural do Estado e conta com a participação do município. Deste modo, colaboramos com todos os eventos. O produtor independente é quem faz os eventos na cidade e nós colaboramos porque são atividades públicas interessantes. Com isso o município não tem que reproduzir uma política pública naquilo que os produtores já fazem. O Fundo é proibido de liberar dinheiro, só sai por edital. Estamos discutindo com o Conselho sobre os editais do Fundo. Existem dois métodos de aplicação: A direcionada, que a lei diz que são

para sete ou oito áreas. E o modelo aberto, em que os produtores se inscrevem.

**De acordo com um relatório do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), não existe uma política pública cultural nos municípios. As decisões dependem da boa vontade dos gestores. Como isso funciona em Florianópolis?**

Nós estamos inter-relacionados ao MinC (Ministério da Cultura). Os municípios e os estados se cadastram no Sistema Nacional de Cultura e passam a ser parte de um alinhamento de política pública. O Estado não fez o cadastro e Santa Catarina não ganhou parte dos 30 bilhões que o MinC distribuiu este ano. Os municípios fazem a adesão, mas o repasse é para o Estado. Florianópolis tem tudo certinho, Conselho, Plano e Fundo. Em SC, 65% dos municípios fizeram adesão ao Sistema Nacional de Cultura, mesmo o Estado não tendo feito. Os municípios fizeram sua parte, o problema é a política pública do Estado.

**No relatório aparece que é difícil acompanhar o repasse...**

O Estado não fez adesão e não criou Conselho, Plano e Fundo. Na política do MinC, o Governo Federal reserva 2% para Cultura, o Estado 1,5% e os municípios 1%. Isso é quase uma verba vinculada, parecido com o método da saúde e da educação. Os repasses federais vêm por esse sistema. O Estado também tem que se cadastrar, porque sua inclusão facilita a fiscalização dos municípios. É difícil o Governo Federal verificar 296 municípios.

**Não encontramos os dados sobre o orçamento. Quanto é destinado para cada setor?**

A sociedade deveria acompanhar o que a prefeitura faz. Por três meses, convocamos as pessoas a irem à Câmara Municipal, porque a prefeitura estava apresentando o orçamento de 2015. E apenas seis pessoas foram, não havia repórteres, e ninguém da Cultura. Há um questionamento de que não tem os dados, mas eles são publicizados. Minha crítica é que a sociedade não acompanha isso.

**Aline Takaschima**  
alinetakaschima@gmail.com  
**Iuri Barcellos**  
iuribarcel@gmail.com  
**Ricardo Florêncio**  
ricardofp9@hotmail.com

# Manezinho quer o carnaval do Rio

Florianópolis se espelha no sistema carioca para a organização e execução da festa na Ilha

“OOEEEE, Rainha do Maaaaar”, gritou o cantor, arregaçando os lábios e agitando os braços num sinal que pedia para que o pé do público não parasse de saltitar. Deu-se início à batalha entre três canções que disputavam o título de samba enredo da escola Unidos da Coloninha para o carnaval de 2015. Quem conquistasse os jurados, dois músicos e o carnavalesco da escola que estavam no espaço VIP, embolsaria R\$ 4 mil. Cada samba enredo tinha uma torcida que deixava claro que aquele sábado à noite, na sede da escola no bairro Coloninha, era mais competição e menos festa.

Quando as músicas saíam da base do cavaquinho e entrava a bateria da escola guiada pelo Mestre Diego, quem estava ali passava a se mexer num ritmo frenético. Mas a exaltação era da torcida que fazia coro com a letra do samba na mão. Os outros se limitavam a batucar os dedos nas mesas e dar sorriso desconcertado à alegria alheia. “Carnaval é cachaça, é doença”, advertiu o carnavalesco e criador do enredo José Beirão. A história que a Coloninha quer contar na passarela Nego Quirido no próximo ano é a de Iemanjá, desde a criação do mundo segundo a tradição ioruba-nagô e a lenda de como a orixá se torna Rainha dos Mares. Uma mulher que torcia pelo terceiro samba da noite se ajoelhava no refrão e erguia os braços como se pedisse para Iemanjá a vitória. Não adiantou, quem venceu foi a segunda música, a que tinha uma torcida que empunhava bandeiras brancas – longe de significarem paz.

Faltando cinco meses para o desfile, o carnavalesco está finalizando os desenhos dos figurinos e carros alegóricos. Até meados do mês, irá ao Rio de Janeiro comprar o material necessário para fazer o protótipo de cada fantasia. Tudo está sendo feito contra o tempo e só poderia iniciar agora, pois as escolas terão acesso à verba arrecadada pela Liga das Escolas de Samba de Florianópolis (Liesf) em novembro.



Homenageando a “mãezinha”, torcida canta em coro o novo samba enredo da Unidos da Coloninha que conta a história da Orixá Iemanjá

Este ano a Liga é quem organiza e gere o carnaval, a exemplo do que acontece no Rio de Janeiro e São Paulo. O dinheiro recolhido de empresas privadas e poder público será distribuído em cartões de crédito para os presidentes das escolas. São previstos R\$ 14 milhões para os desfiles, sendo cerca de R\$ 7 milhões da iniciativa privada. O município contribuirá com 20% e o Estado com 25% do orçamento previsto. “Temos uma grande empresa do ramo cervejeiro que está interessada em patrocinar as escolas de samba nos seus ensaios técnicos e no dia do desfile. Mas nada fechado ainda”, disse o presidente da Liesf, Joel da Costa Júnior.

Como maneira de engordar o orçamento, as escolas criam enredos que visam patrocínio de empresas. A história de Iemanjá não “limita a liberdade do carnavalesco de criar”, afirmou o presidente da Coloninha, Luciano Baracuh. Sua posição contrária aos enredos comerciais é rara, o próprio carnavalesco da escola acredita que “tudo é possível de se tornar um enredo, de carnavalesco e ser ainda bonito”. Em 2009, no ano da França no país, Beirão pegou a narrativa de um navegador francês que esteve na Ilha em 1889 e transportou essa viagem para 1000 anos depois, com um garoto da Coloninha jogando vídeo game. As caravelas se tornaram naves espaciais e a cidade era a Estação Lunar Ilha de Santa Catarina. “Achamos que a França iria patrocinar, mas que nada! Esses enredos comerciais são meio roubada”.

**Disputa pelo samba enredo da Unidos da Coloninha exalta a torcida**

Entre os anos que Alessandro Padilha progrediu da ala das crianças para o conselho deliberativo da Protegidos da Princesa, viu sua escola passar por algumas dessas “roubadas”. Ele lembra que em 2001, quando a Prote-

gidos optou por homenagear Gustavo Kuerten, por meio do enredo *O Manezinho que encantou o Mundo*, mas não recebeu apoio financeiro do tenista. “Ele não entrou com o dinheiro. Comprou três alas da escola e distribuiu para o pessoal dele.” Uma semana após a Coloninha decidir seu samba enredo, a Protegidos da Princesa abria a primeira etapa do concurso para a escolha do hino que a guiará na passarela por 80 minutos. Três sambas concorriam o prêmio de R\$ 7 mil. Com o enredo sobre o desenvolvimento comercial da capital, a escola está com patrocínio confirmado para 2015 da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis, a ACIE.

A Protegidos não é a única a optar pelo enredo comercial como alternativa. Com o tema *Da água, da Terra, do Fogo e do Ar, Surge a Energia para a Vida*, a Dascuia busca o apoio de empresas catarinenses de energia para suprir o orçamento de R\$ 900 mil. Novata no carnaval de Florianópolis, a Dascuia é a primeira escola a subir para o grupo especial na nova organização do carnaval – a partir de 2015 a última colocada do grupo especial cai, dando lugar para a primeira colocada do grupo de acesso.

A escola usa a sede da associação dos moradores do Morro do Céu para reuniões da diretoria e confraternizações, sempre ao som de famosos sambas do Rio de Janeiro. Mas não é só a música do carnaval carioca que inspira os membros da verde e rosa. Em 2015, além do intérprete e do carnavalesco serem cariocas, metade das fantasias serão produzidas lá. O presidente da escola afirma que no Rio há mão de obra especializada, e que por isso 11 alas serão elaboradas na cidade. Altamiro reconhece que há demanda de trabalhadores

para a produção de fantasias em Florianópolis, mas que é preciso qualificar a mão de obra. “Está no nosso projeto fazer cursos pra aderente. Ensinar pra depois fazer aqui. E eles vêm pedir, todo mundo quer ganhar um trocado”.

Diferente de 2011 quando foi contratada pela Dascuia, a carnavalesca carioca Layone Ventura virá morar na capital em outubro para organizar de perto o carnaval de 2015. A classificação da escola foi a principal motivação. “Com a Dascuia no grupo especial eu quero me dedicar totalmente a esse projeto, pois se eu ficar na Portela eu não vou ter tempo para acompanhar todos os detalhes”.

“Importada” também do Rio de Janeiro, Viviane Araújo desfilou no carnaval de 2014 na Consulado do Samba. A celebridade veio para ser “a cereja do bolo”, revelou o presidente Valcione Furtado. Como a escola foi a última colocada no ano anterior, o samba no pé de Viviane Araújo era visto como garantia de quebrar a maldição do primeiro a pisar na passarela – “os jurados costumam a ser mais criteriosos com a primeira escola que desfila, aí eles vão descontando décimos de tudo”. A arquibancada da Nego Quirido lotou para ver a celebridade, que para outras escolas e a rainha anterior, Camila Lalau, “estava em sintonia com a bateria, mas poderia ter se doado um pouco mais, sambar um pouco mais como ela faz lá no Salgueiro”. Apesar de não revelar o cachê pago a Viviane Araújo, o presidente da Consulado afirma que só trará outra celebridade para desfilarem se tiver um investidor interessado para pagar a despesa.

Ayia Nardelli  
aylaanp@gmail.com  
Priscila dos Anjos  
priscila.zero.jornal@gmail.com



Heranças da colonização - como o boi de mamão, a cerâmica, a pesca tradicional, as rendeiras e benzedeiros - se mantêm vivas em comunidades da Grande Florianópolis

# Hábitos açorianos resistem ao tempo

As tradições que passam por gerações são sustento de famílias e influenciam as crianças

No nordeste é Bumba meu boi, no Rio de Janeiro — mais precisamente em Paraty — é Boi pintadinho. Aqui em Florianópolis o folgado ou a simples brincadeira que envolve dança e canto é conhecida como Boi-de-Mamão. O grupo folclórico “Alivanta meu boi” demonstra bem a morte e a ressurreição do boi em um espetáculo que dura em média 50 minutos. Com a participação de 12 crianças que representam personagens como a bernunça — figura fantasmagórica que durante a encenação engole crianças e dá origem à bernuncinha —, Maricota, mulher alta e desengonçada que ao dançar esbarra em todos, e também responsável pela morte do boi de mamão —,

cavalinho — personagem feito com armação de madeira e rosto de pano —, além do vaqueiro Matheus, dono do animal.

A apresentação começa ao som de “Vem cá meu boi ia, ia, alevante devagar que é para não escorregar”. Seguindo a ordem do canto, os personagens vão aparecendo um a um. O primeiro é o boi-de-mamão, depois aparece a bernunça e a maricota que retira da plateia pessoas para dançar com ela. Contrariando a performance tradicional — nela não é representada a figura da rendeira —, os atores chamam alguém do público para interpretá-la.

Para encenar todos esses personagens, o grupo tem 21 crianças entre seis e 15 anos. O “Alivanta meu boi” é contratado para exibições em eventos de escolas e entidades de Florianópolis e outras cidades.

Esse resgate cultural não é feito somente pelo grupo “Alivanta meu boi” e u

boi”. Existem outras pessoas que contribuem para continuidade dos costumes açorianos. Passando pela Avenida das Rendeiras, encontramos Norma Barcelos, uma das mulheres que tornam o nome do local legítimo. Rendeira mais antiga do bairro, Norma aprendeu a tecer com sua mãe aos oito anos e já repassou suas habilidades para as filhas e sobrinhas. Ela é casada com pescador e confirma o ditado popular que diz “onde tem rede, tem renda”. Sentada em frente à sua pequena loja que dá vista para a Lagoa da Conceição, tece uma blusa colorida, com um cartão perfurado posto sobre um suporte de madeira. Norma segue à risca o desenho através do manejo das pequenas peças de madeira torneadas, os bilros. Entre uma transpassada de linhas e outra, reclama das vendas, salienta que estão baixas, mas que irão melhorar com a chegada dos turistas durante o verão.

Saindo do leste e indo para o sul, na Praia da Armação, o pescador Aldo de Sousa costura sua rede e pergunta: “O que o pescador procura, mas não quer encontrar?” Sem resposta para piada que só os pescadores antigos conhecem, ele mesmo fala: “O buraco na rede velha

que não pode remendar”. Para Aldo, que tem 74 anos e exerce a profissão desde os 20, o pescador precisa ter paciência: “um dia é do peixe, outro do pescador”. No mesmo rancho estão outros 30 trabalhadores que tiram da pesca o sustento para sua família.

## Em Açores, a cultura se enfraquece por falta de capacitação

Todos os dias Aldo e seus companheiros de mar fazem o mesmo procedimento enquanto aguardam o “vento certo” para entrar no mar: arrumam o rancho e as redes, organizam os barcos, e após a jornada bem sucedida nas águas do sul da ilha, dividem os peixes e vendem.

Logo após a Armação está a Praia do Pântano do Sul, onde todos os moradores conhecem a benzedeira Ilda Martinha Vieira. Com 102 anos, a Tia Ilda como é chamada na região, aprendeu as rezas com a mãe aos 15 e desde então já benzeu pessoas de todos os cantos, até mesmo de Portugal. Mas, para ela quem sabia mesmo benzer era a mãe, dentre as orações que a ensinava, aprendeu algumas que se tornaram sua especialidade como a contra o mau olhado e para curar cobreiro. Durante a visita da reportagem do Zero, benzeu três mulheres, uma do Rio Tavares e duas turistas do Norte do país. Com a ponta dos dedos ela toca as costas de cada uma e faz a benção contra o mau olhado, dizendo “Eu que te benzo, Deus que te cura”. Após isso, relembra que por ser jovem não

queria ser benzedeira, mas que após a primeira reza o fato “se espalhou” e muitas pessoas vinham lhe procurar. Diante dessa situação, aceitou a ideia e a tradição repassada por sua mãe.

Passando a Ponte Pedro Colombo Salles, em Santo Amaro da Imperatriz está a Olaria Magia do Barro de Tânia Regina Fernandes, que ensina a crianças e adultos como manusear a argila. A técnica de produzir artefatos cerâmicos em tornos foi trazida por açorianos para a costa catarinense durante o século XVIII. Sobre esse processo ela fala que é “muito técnico e ao mesmo tempo simples”. Depois de moldado, é preciso deixá-lo por algumas horas em temperatura ambiente para secar e posteriormente é posto no forno. Durante as 12 horas que ficam no ambiente, as peças são aquecidas gradativamente.

Tânia repassou as técnicas aprendidas na Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros para estudantes da Ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores, com o intuito de devolver a cultura e herança deixada pelos próprios açorianos. Ela conta que em Portugal a cultura açoriana está enfraquecida devido à falta de capacitação profissional. Mesmo com esse problema, ainda são encontradas peças típicas da cultura açoriana, como o vaso crespo.

**Aldo de Souza** há mais de 50 anos tira da pesca o sustento

conhecem, ele mesmo fala: “O buraco na rede velha

**Luize Ribas**  
luizeribas@gmail.com  
**Tamires Kleinkauf**  
tamirescrisk@gmail.com

Cultura local

# Prefeitura propõe nova festa local

Nos moldes da AÇOR, novo evento pretende valorizar a cultura popular em Florianópolis

**S**e entraves burocráticos não impedirem a aprovação do orçamento para 2015, Florianópolis deve promover uma nova festa em seu calendário anual de eventos - a Festa Açoriana. A proposta é de um evento que reúna manifestações artísticas com inspiração na cultura açoriana, como apresentações, artesanato e gastronomia típica. A ideia surgiu após o sucesso da 21ª AÇOR - a maior festa açoriana do país -, celebrada neste ano pela primeira vez em Florianópolis, e que chegou a um público de 35 mil pessoas entre os dias 22 e 24 de agosto.

“Foi a maior festa do AÇOR de todos os tempos, e a partir do ano que vem ela vai acontecer todo ano em Florianópolis, como uma festa municipal em Santo Antônio de Lisboa”, diz João Augusto Pereira, presidente da Fundação Cultural Franklin Cascaes, que será a principal realizadora da festa se o orçamento for aprovado. O presidente afirma que a Fundação pretende realizar uma festa que busque a valorização da cultura local, sem o caráter comercial. Ele adianta que a festa não teria a mesma proporção do AÇOR, por ser municipal, mas características bem semelhantes.

O conselheiro estadual de cultura e coordenador de comunicação do Núcleo de Estudos Açorianos da

UFSC, Francisco do Vale Pereira, explica que atualmente Florianópolis tem poucos eventos e manifestações de identidade açoriana. Hoje existem o Terno de Reis no mês de janeiro e o ciclo de festas do Divino, que começa em maio e termina em setembro. Já a Festa Nacional da Ostra e Cultura Açoriana (Fenaostra), segundo ele, não é uma festa de raiz. “Por um lado ela tem a importância turística e comercial, porque a região de Florianópolis é uma grande produtora de ostras, mas a maricultura aconteceu de 30 anos pra cá, muito recentemente. A ostra não é daqui. Então a festa é uma tentativa de dar sustentabilidade para os pescadores e comunidade local”.

Um dos grupos folclóricos que sempre está presente nos eventos anuais é o Balho & Tocata Raízes Açorianas, representando a Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina (Caisc). A associação sem fins lucrativos resgata e mantém as

tradições tanto na área folclórica, quanto na religiosa e na gastronômica. O grupo da Caisc faz apresentações com trajes típicos e músicas açorianas. Os integrantes são voluntários, e a diretora de relações internacionais da Caisc, Carin Machado, reclama da falta incentivo para os trabalhos atualmente. Ela explica que as apresentações do grupo dependem da contratação nos eventos, mas que, muitas vezes, quando são chamados, a produção dos eventos quer que eles se apresentem gratuitamente. Segundo ela, isso desvaloriza o trabalho, porque eles são voluntários para a apresentação, mas precisam de ajuda para pagar trajes, alimentação e deslocamento. “Querem que eles façam todo o trabalho de graça”, complementa.

Além da realização das festas e registros históricos, tanto Francisco quanto Carin veem na educação uma saída para a conservação dessa cultura a longo prazo pelas gerações futuras. “É uma forma eficiente para não deixar que isso fique apenas na memória ou num livro, por exemplo, porque eles [professores] lecionam sobre a história da Grécia antiga, mas os estudantes não sabem nem onde fica o arquipélago dos Açores”, diz Carin. Já Francisco acredita que as secretarias de

educação do estado e do município deveriam reformular o currículo acrescentando a cultura açoriana nas aulas de história, porque a preservação ocorre na comunicação de pessoa pra pessoa. Ele diz que há possibilidades de fazer filmes, documentários e fotografias, mas elas não são suficientes, porque não há uma política nas escolas para a divulgação dessas informações.

Mesmo com as dificuldades, o historiador Sérgio Ferreira, autor da tese “Nós não somos de Origem”, sobre a cultura açoriana no sul do Brasil, revela que a cultura açoriana passou a ser melhor reconhecida na Ilha nos últimos 30 anos. Ele destaca as ações do Núcleo de Estudos Açorianos, aliadas às atividades de pesquisa de Franklin Cascaes e do historiador Peninha. Antes disso, segundo ele, havia um desconhecimento sobre o que significa ser açoriano.



Com caráter comercial Fenaostra não é considerada uma festa de raiz em Florianópolis

Boa parte da população com essa origem já mantinha e repetia os hábitos característicos dos Açores, mas muitos não sabiam que se tratavam de características típicas do Arquipélago. Antes essa cultura era vista com preconceito pelo restante do estado. Hoje se tem um conhecimento maior, e também um orgulho maior em ser açoriano.

## Cultura transformada em

### renda:

O trabalho cultural também pode vir a ser um fator de desenvolvimento para que as atividades artísticas sejam fonte de renda. As rendeiras, por exemplo, poderiam viver só da sua produção de renda. Para isso, como fundamenta Francisco, precisariam existir lojas para vender essa produção, escolas que ensinem renda,

propagandas institucionais que valorizem a renda e informações turísticas que incentivem as pessoas a visitarem os locais na Ilha onde se produz a renda. Carin destaca que as rendeiras ainda existem, mas estão “penando ali na avenida das rendeiras e até hoje não tiveram nada organizado”.

Sobre essa questão, o presidente da Fundação Franklin Cascaes afirma que até o final do ano deve ser aberta uma loja no mercado público para comercializar a renda e fazer com que a cadeia produtiva da renda seja estimulada. A Secretaria Municipal de Cultura assegura um espaço permanente para venda e valorização da renda de bilro no Mercado Público, com projeto do IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis). O projeto está em andamento e o espaço da loja já está reservado.



Grupos culturais têm trabalho desvalorizado

Renata Bassani  
renatakassani@gmail.com  
Thales Camargo  
thalestrench@gmail.com

# Inclusão através de esportes radicais

Skate, sandboard, slackline estão entre as oficinas oferecidas por projeto para crianças de baixa renda

Com batucadas ritmadas e letras de funk gravadas de cor, crianças e adolescentes saem de van do Centro de Educação e Evangelização Popular (CE-DEP), no bairro Monte Cristo, para mais um dia de oficina. Dessa vez, a aula é de skate e, depois de colocar os equipamentos de segurança, o grupo treina duas modalidades diferentes: street e downhill speed - uma o foco é manobra e a outra, velocidade. São 30 alunos divididos em duas turmas nos períodos da manhã e da tarde.



O projeto Fênix, que começou em outubro do ano passado, desenvolve atividades de esportes radicais com crianças e adolescentes de baixa renda em Florianópolis. Dois professores ministram aulas práticas e teóricas duas vezes por semana, onde o grupo aprende sobre manobras e história do esporte, assistem vídeos e recebem materiais educativos. "O nosso carro chefe é o skate e 90% das crianças aprenderam a andar aqui. Outras oficinas que temos são de stand up paddle, sandboard, slackline e caiaque. O projeto conta com os recursos do próprio CE-DEP e já adquiriu 20 skates e 5 pranchas de sandboard", diz um dos responsáveis pelo projeto, Cláudio de Souza.

Uma vez por mês, o grupo faz uma saída, que pode ser para prática do esporte ou

**O projeto já adquiriu 20 skates e 5 pranchas de sandboard, com recursos próprios**

para ações sociais. "A primeira saída solidária que fizemos foi em um asilo, onde nos oferecemos para capinar o quintal e pintar o muro. A segunda que estamos planejando é em um orfanato, onde as crianças podem dar um brinquedo e interagir com as outras", comenta o outro responsável pelo projeto, Anderson Costa. De acordo com os oficinairos, a próxima etapa é se inscrever em editais para captar recursos, comprar mais equipamentos e inserir modalidades novas como o patins.

O projeto foi escrito por uma psicóloga e uma assistente social, que chamou os dois professores para darem as oficinas. Anderson conhece bem a comunidade e vai atrás de famílias em situação de risco para participar do projeto. "Se a criança mostra interesse, nós incluímos. Quando a criança bagunça muito ou tira notas baixas, nós conversamos para resolver", explica. Cláudio é estudante de educação física e defende que "as aulas são para trabalhar a modalidade, não um passeio. Queremos evidenciar a prática do esporte e não só a diversão".

Dayane Ros  
dayaneros@gmail.com



Aulas práticas e teóricas são ministradas duas vezes por semana

## Bibliotecas acham alternativas à falta de recurso

Diretores apostam em parcerias com o setor privado, e em editais federais para melhorar o acervo

"Hoje com as novas tecnologias, se você fizer somente o simples, não irá atrair praticamente nenhuma criança ou jovem a vir à biblioteca, pegar um livro, sentar e ler", aponta Maritza Fabiane Celestino, diretora da Biblioteca Municipal Professor Barreiros Filho, referindo-se ao aumento da visitação da biblioteca depois da criação de projetos como *Quintal Cultural*, *Biblioteca Itinerante*, *Livro Viajante*, *Biblioteca Kids* e *Bienal de Arte e Cultura*. Este último, no início do mês, atraiu 1300 crianças e adolescentes, os que mais e emprestam livros e frequentam.

A maioria desses projetos é custeada por empresas privadas, enquanto a Prefeitura de Florianópolis é responsável por despesas básicas - água, luz, telefone e remuneração dos funcionários - ou seja, não há um apoio financeiro fixo para os programas. Exceto pelo *Biblioteca Kids*, uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que de março a setembro deste ano, repassou 200



Na biblioteca comunitária do Santinho 65% do público é de jovens e crianças

livros para cada uma das 10 creches beneficiadas.

A instituição recentemente foi contemplada em um edital do Ministério da Cultura, e dividirá um investimento de R\$ 2,7 milhões com outras nove bibliotecas. Parte do valor será destinada para compra de livros, algo que há pelo menos dez anos não

acontece no local. A maior parte do acervo, que dispõe de 70 mil títulos, provém de doações. Um projeto em especial também auxilia na arrecadação de obras, a *Festa Junina Cultural*, gincana disputada por colégios particulares da região continental de Florianópolis. A escola vencedora é aquela que consegue mais livros e

DVDs para doação. Com um acervo de 120 mil livros, quase o dobro da Municipal, a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina tem um único projeto, a *Oficina Boca de Leão* que reúne de 20 a 30 crianças com o objetivo de formá-las como contadores de histórias e escritores. A biblioteca que dispõe de 42 funcionários, recebe em média três mil leitores por mês. Entre as obras mais procuradas estão a coleção dos vestibulares da UFSC e UDESC, seguido por livros de concursos públicos. Patrícia Karla Firmino, diretora da biblioteca, ressalta que um dos diferenciais oferecidos para os usuários é o sistema online para consultas e reservas de obras. Após um ano de implantação da plataforma houve um aumento de 62%

nos cadastros e 47% nos empréstimos - antes eram retirados anualmente 25.494 e agora 37.645 livros saem da biblioteca para a casa de leitores.

Com menos recursos financeiros estão as bibliotecas comunitárias como a Biblioteca Livre do Campeche (Bilica), que existe há sete anos, e a Amigos do Livro do Santinho, criada há dois, e que contam respectivamente com 8 mil e 2.600 obras. Ambas são mantidas através de doações e o trabalho é feito por voluntários. Enquanto na biblioteca do Campeche a maioria do público é adulto, na do Santinho 65% é de jovens e crianças. Luiza de Freitas, secretária do Conselho Comunitário e voluntária na Biblioteca do Santinho ressalta que "é positivo ter bibliotecas nos bairros, pois assim os moradores têm acesso aos livros sem precisar se deslocar até o centro".

Luize Ribas  
luizeribas@gmail.com  
Tamires Kleinkauf  
tamirescrisk@gmail.com

Cabe no bolso

# Lazer e cultura com preço acessível

Bazar, teatro, circo e shows são algumas das alternativas para o público de Florianópolis

Engana-se quem pensa que a vida cultural de Florianópolis se resume aos principais teatros. Há muito mais para assistir e ouvir em espetáculos e espaços alternativos na Ilha, muitos deles gratuitos. Pensando nisso, o ZERO fez um pequeno roteiro com dicas para você curtir a cultura local, economizar e encontrar opções que vão além das famosas praias e grandes eventos.

## Circo Dona Bilica

Há pouco mais de um ano a atriz Vanderléia Will, que interpreta a manezinha mais famosa da Capital, a Dona Bilica, estreava com a peça De malas prontas no palco do espaço cultural idealizado por ela e pelo ator Pepe Núñez. O Circo Dona Bilica, localizado próximo a praia do Morro das Pedras, encanta desde a fachada açoriana até a programação. Com mais de 1400m<sup>2</sup> e capacidade para 225 pessoas, o circo-teatro preenche seus finais de semana com espetáculos folclóricos, teatrais, musicais, infantis e com exposições fotográficas para todos os públicos.

Construído com ajuda de amigos e parentes de Vanderléia e gerenciado pela Cia Pé de Vento, o circo tem como base estrutural quatro containers, que de tão coloridos não lembram nem de longe os que continuam lá no porto de Itajaí. Banheiros adaptados, iluminação e sonorização de qualidade, além de um delicioso restaurante com gastronomia mediterrânea que deixa a passagem pelo local mais agradável.

Florianópolis ganhou uma nova alternativa de lazer cultural com preço justo, muitas vezes sem custo algum, além de ser um dos poucos espaços independentes que aceita o Vale Cultura. O Circo Dona Bilica é uma boa surpresa pra quem está acostumado com a centralização dos espetáculos na capital.

Rua Manoel Pedro Vieira, 601, Morro das Pedras – Florianópolis  
Telefone: (48) 3028-3351  
www.circodonabilica.com.br  
Entrada: R\$20 (inteira)

## Fundação Cultural Badesc

O casarão histórico no centro de Florianópolis, o jardim bem conservado e o café embalado por música não são as principais atrações da Fundação Cultural Badesc, mas cativam quem chega lá pela primeira vez. As duas salas expositivas da Fundação, o Espaço 2 e o espaço Fernando Beck,

recebem cerca de oito exposições por ano, ou seja, é um lugar ideal para você que gosta de conhecer novos artistas. E se não é um apreciador de artes visuais, mas gosta de cinema, é para lá que você deve ir também. São mais de 20 filmes por mês e é possível se programar, pois a agenda é definida com antecedência. Com cinema africano, francês, inglês, argentino e muita exibição de curtas e longas catarinenses, o Cineclube funciona de segunda a sexta-feira, às 19h. Mas chegue cedo, são só 45 lugares e uma única sessão por dia.

Além das exposições e do Cineclube, a Fundação também promove apresentações musicais, cursos de arte e literatura e aulas de Tai Chi para idosos. E pra quem gosta de curtir eventos que misturem todos os tipos de artes, a feira Entremostros é um espaço para artistas apresentarem suas performances, músicas, livros e vídeos, além dos convidados terem a possibilidade de comprar os produtos por um preço acessível. A feira é realizada sempre no final de semana entre a desmontagem de uma mostra e a montagem da seguinte. Quem ainda não conhece, vale a pena conferir.

Rua Visconde de Ouro Preto, 216, Centro - Florianópolis  
Telefone: (48) 3224.8846  
www.fundacaoculturalbadesc.com  
Entrada Gratuita  
Horário de Funcionamento: 12h às 19h

## Sounds in da City

Um evento que vem chamando atenção não só dos jovens que gostam de música eletrônica, mas de toda cidade, é o Sounds in da City. Existe algo melhor do que passar o final da tarde de um domingo curtindo música boa em um dos cartões postais da capital sem pagar nada? A Av. Beira-mar Norte virou palco do projeto cultural idealizado pelo DJ Allen Rosa em novembro de 2010 e desde então foram mais de 170 eventos com artistas catarinenses e de outros estados que não encontram espaço nas grandes pistas.

O crescimento do projeto e o interesse das pessoas em participar e valorizar a ocupação do espaço urbano em Florianópolis fez com que o evento não ficasse só limitado a Beira-mar Norte. Nesses três anos, o Sounds in da City já foi realizado no Teatro Álvaro de Carvalho, no espaço externo da Fundação Cultural Ba-

desc, na pista de skate da Trindade, na Praia Mole, no Parque da Luz, além de participar das 3 edições da Maratona Cultural de Florianópolis e integrar a programação do Floripa Tem.

É uma mistura de diferentes grupos que buscam mais uma opção de lazer. Música, esporte, gastronomia, grafite e, para evitar reclamações das crianças, em alguns domingos existe um espaço para recreação infantil. Reserve um domingo e confira um dos pontos de encontro mais diversificados da Av. Beira-mar Norte. Mas fique de olho na programação, porque o Sounds in da City não é realizado todos os domingos.

Florianópolis, SC  
Telefone: (48) 9143-6613  
www.soundsindacity.org  
Entrada Gratuita

## Tienda de Ideas

Quem estiver de passagem pela Lagoa da Conceição deve parar no casarão histórico do Coletivo Arte e Comunicação para conhecer o Tienda de Ideas, que há um mês virou um ponto fixo para quem aprecia café, arte, livros e boa música por um preço justo. Produzido pela gaúcha Neca Gamarra, o Tienda surgiu como um bazar mensal e já foi realizado no Campeche, na Praia Mole e no centrinho da Lagoa, reunindo design, moda, fotografia, gastronomia e outras manifestações artísticas.

Os eventos mensais ainda fazem parte do calendário cultural de Florianópolis, e quem se programar para aproveitar uma dessas feiras vai encontrar de tudo um pouco: vinis, livros, objetos de decoração, roupas e acessórios para todas as idades, gostos e bolsos. Então se você gosta de conhecer gente nova, escutar música boa ao mesmo tempo em que experimenta culinária diferente e cervejas artesanais, esse vai ser um dos seus lugares favoritos na Ilha. E pra melhorar, os ingressos são mais baratos para quem vai ao local de bicicleta.

Rua João Pacheco da Costa, 595, Lagoa da Conceição - Florianópolis  
Telefone: (48) 3238-5675  
Entrada: (varia de acordo com o evento, mas geralmente é R\$5)  
Horário de Funcionamento: 11h às 20h

Kauane Moreira  
kauane.moreira@gmail.com



Fundação Cultural Badesc exhibe mais de 20 filmes gratuitos por mês



Tiendas de Ideas é espaço de design, moda, fotografia e gastronomia



Circo Dona Bilica comporta 225 pessoas dentro quatro containers



Sounds in da City já teve mais de 170 eventos com artistas do estado

# Os mistérios do Palácio Cruz e Souza

Histórias de fantasmas e fenômenos inexplicáveis são rotina para funcionários da antiga sede do Governo

Há alguns anos, o segurança Elcio passava pelos salões do Museu Histórico de Santa Catarina, como de costume, quando algo aconteceu para ficar na memória. Às 15h30 de certo sábado o museu estava fechado para reforma e Elcio, acompanhado das duas funcionárias do dia, a recepcionista Isabel e a inspetora Veronice, ouviu o badalar de sinos. Dentro do museu só havia dois relógios. Nenhum deles funcionava.

Desde 1986, o Palácio Cruz e Souza recebe vários visitantes, mas alguns não chegaram a conhecer todos os ambientes disponíveis do local que antigamente foi sede do governo do estado. Vários desistiam logo no começo. O motivo era que estas pessoas se deparavam com algo que nunca haviam visto ou sentido. Se sentiam aterrorizadas.

A inspetora Veronice trabalha no museu há 15 anos, formou-se em história e estudou para dar detalhes dos objetos e decorações presentes no Palácio Cruz e Souza, mas isso não é apenas o que ela sabe sobre a história do museu. "É comum alguns visitantes se depararem com espíritos e contarem pra mim como se fosse uma pessoa. No momento que eu digo que não existia tal pessoa eles ficam assustados e vão embora sem terminar de visitar os salões".

Segundo o que consta no livro "Do Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Sousa", escrito por Manoel Gomes, o MHSC foi local de muitos velórios. Em 1958, por exemplo, os governadores Jorge Lacerda e o Deputado Leoberto Leal foram vítimas de um acidente aéreo e velados no Museu. Em 1959, o Palácio acolheu o corpo do Deputado Federal Dr. Afonso Guilhermino Wanderley Junior. Em 1967, o Arcebispo Metropolitano D. Joaquim Domingues de Oliveira foi sepultado com honras militares. Na sequência outros velórios ocorreram como o do Secretário-Executivo do Plano de Metas do Governo do Estado, Annes Gualberto, o do ex-governador Heriberto Hulse, e o do jornalista Adolfo Zigelli.

Veronice já perdeu as contas dos relatos que ouviu. Contou que geralmente as pessoas que veem são espíritos ou tem uma sensibilidade para ver os fantasmas. "Uma vez eu estava acompanhando algumas pessoas na visita dos salões ao primeiro andar e, ao final, fui ajudar uma senhora que tinha dificuldade para andar. Falei para ela apoiar no meu braço e, quando estávamos descendo as escadas, ela me disse que tinha mais gente lá em cima e apontou para trás, falando do moço que nos seguia. Olhei e não vi nada. Assim que falei para a senhora, ela ficou assustada, mas tentei acalmá-la e disse que isso acontece com algumas pessoas que visitam o museu", relatou a inspetora.

No livro "Do Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Sousa", há



Elcio percorre o Palácio e lembra de ouvir o badalar de sinos até hoje sem explicação



Equipe acompanha os visitantes pelo Palácio e já viu vários deles irem embora assustados antes mesmo de terminar a visita

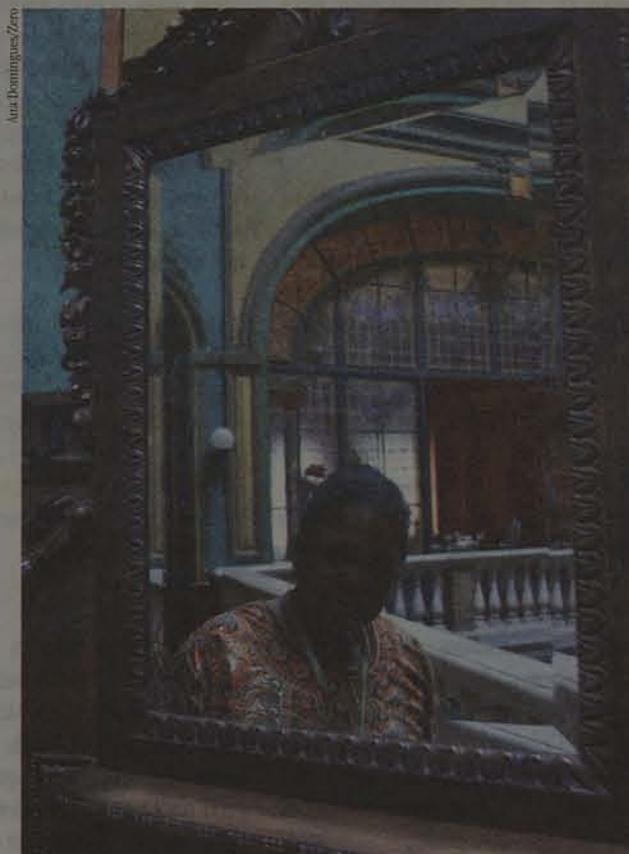
um acontecimento histórico relatado no dia 22 de julho de 1871. Segundo escrito: "um casamento foi realizado discretamente no Palácio do Governo, de Dona Maria Luiza da Silva Paranhos com o Senhor José Bernardino da Silva". Veronice contou que, certa vez, a antiga inspetora Nair viu uma noiva de branco e véu caminhar pelos salões do andar de cima. Ela passava pelo salão principal até a sala do gabinete do governador.

A faxineira Sueli, que trabalha há dez meses no Museu, jura que já ouviu coisas assustadoras. Contou que em um sábado ela ouviu o piano tocar e chamou a inspetora Salete para ouvir. As duas ouviram e desceram as escadas correndo.

"Eu adoro contar pras crianças sobre um corredor que foi descoberto com a reforma de Hercílio Luz em 1849, porque elas ficam muito curiosas. É um espaço que estava escondido até então, e não há registro do que ocorria lá. É como uma passagem secreta", contou Veronice.

Os três funcionários que trabalham nas quartas e quintas-feiras nunca viram nada e não sentem medo de ficarem sozinhos, apesar de evitarem isso. Inspetoras antigas, geralmente espíritos, já presenciaram o mesmo que alguns visitantes. Veronice contou que a ex-inspetora Salete conversou com uma senhora que estava visitando o museu. "Aí ela disse que foi orientando a mulher e, como ela sabia muitas histórias do palácio, a monitora foi acompanhando. Assim que elas desceram e chegaram ao pé da escada a senhora desapareceu. Então ela perguntou pra Veronice e Isabel se elas não viram a senhora de vermelho passando por ali. E não tinha subido ninguém

**"Geralmente quem vê os fantasmas é espírita ou tem maior sensibilidade"**



Inspetora adora mostrar as passagens secretas do Museu naquele momento", relatou a inspetora.

Já faz dez anos que o segurança Elcio trabalha na instituição e foram várias as vezes em que escutou o spectral relógio tocar. Além disso, foi testemunha de como o fenômeno parou quando uma professora interessada pela história de fantasmas foi em um sábado às 15h30 à sala indicada para ouvir o badalar. O relógio não tocou e as últimas lembranças ficaram até hoje na mente de Elcio, que tenta lidar com o inexplicável.

Ana Domingues  
anadomingues.ufsc@gmail.com  
Daniel Garcia  
daniel.garciaja@gmail.com